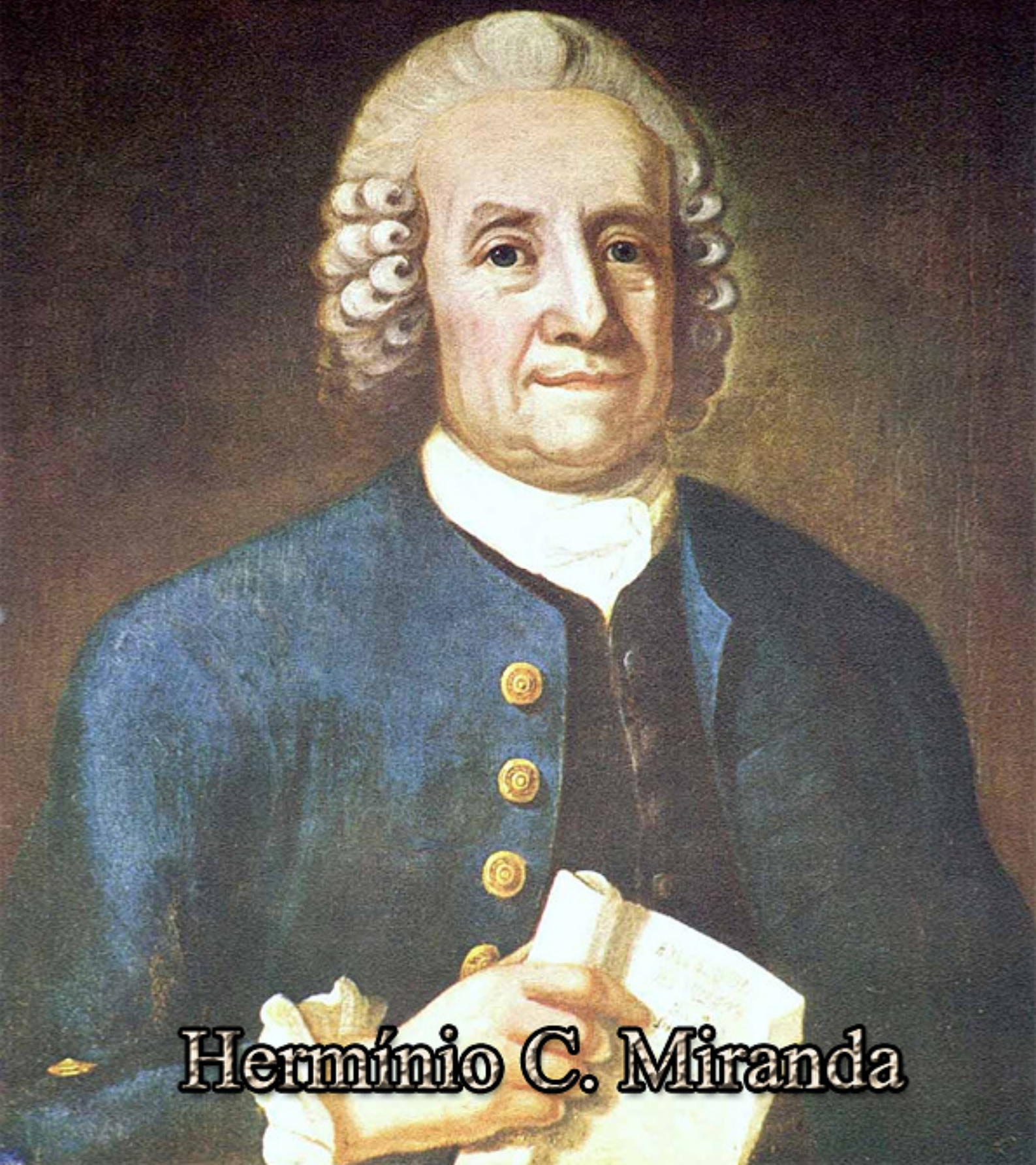


Swedenborg

Uma Análise Crítica



Hermínio C. Miranda

Hermínio C. Miranda

**Swedenborg,
uma análise crítica**



(1688 - 1772)

Conteúdo resumido

Nesta obra, o eminente escritor espírita faz uma compacta e esclarecedora avaliação sobre o real valor da extensa obra de Emanuel Swedenborg, um dos importantes precursores na divulgação dos fenômenos mediúnicos, especialmente em relação aos relatos sobre a vida no mundo espiritual.

Em sua análise, Hermínio demonstra o grande valor *histórico* da obra de Swedenborg, como pioneira na narrativa das condições de vida no mundo espiritual.

Quanto ao valor *doutrinário* dos escritos de Swedenborg, conforme as próprias palavras de Hermínio, “suas especulações são inaceitáveis e nada têm a ver com a lúcida Doutrina dos Espíritos”, e adiante afirma que Swedenborg foi “habilmente manipulado por espíritos ardilosos, que exploraram impiedosamente sua boa-fé”.

Finalmente consideramos que, não obstante as restrições em relação ao valor doutrinário de suas obras, Swedenborg teve o grande mérito de levar a inúmeras pessoas a convicção da sobrevivência do ser à morte do corpo físico e, em consequência, à consoladora certeza de que se reunirão novamente a seus entes queridos em um futuro próximo.

Emanuel Swedenborg

Considerado pioneiro do Espiritismo, Emanuel Swedenborg continua sendo figura algo enigmática tanto para o historiador leigo quanto para o estudioso das doutrinas religiosas. Will Durant, por exemplo,¹ parece hesitar por um instante, antes de caracterizá-lo como cientista, mas não tem dúvida em atribuir-lhe a condição de “o mais notável sueco de seu tempo”. A Enciclopédia Britânica o considera “o homem mais erudito de seu país”. Não muito diferente é a opinião de Colin Wilson,² que, embora pondo em questionamento certos aspectos “ocultistas” do pensamento de Swedenborg, não tem dúvida em considerá-lo “um grande homem”.

Mesmo deixando à parte aqueles que, como adeptos de suas idéias, empenham-se, compreensivelmente, na glorificação do eminente pensador, continuamos com um consenso senão unanimidade de opiniões que o apontam como extraordinário ser humano, generosamente bem-dotado.

Como cientista, filósofo e teólogo, ele procurou penetrar os temas de seu interesse, em profundidade, elevando-se acima dos horizontes comuns à sua época. Como infatigável trabalhador, recolhido a uma existência frugal e metódica, deixou obra de prodigiosas dimensões, quase toda em latim, o Esperanto dos escritos de erudição, à época. Encontramos em Henry de Geymuller,³ swedenborguiano convicto, uma lista das publicações do incansável pensador: são sessenta volumes sobre teologia, vinte e um sobre ciência e filosofia e três das chamadas “obras de transição”. Oitenta e quatro, ao todo, sendo que *Arcanas Celestes* espraia-se por dezoito volumes!

Não somente era amplo e diversificado o escopo de seus interesses intelectuais, como original e criativa a sua mente. Especulou, com reconhecida competência, larga faixa de disciplinas como a física, a astronomia, a geologia, a paleontologia, a fisiologia e a psicologia. Em tudo isso deixou a marca de seu talento. Na verdade, alguns de seus conceitos anteciparam de mais de século descobertas posteriores, como a função de certas glându-

las do corpo humano. Com século e meio de antecedência sobre qualquer outro cientista ele percebeu que os movimentos do cérebro – contração e expansão – sincronizavam-se com a respiração e não com os batimentos cardíacos. Antecipando Broca e outros, intuiu importantes funções no córtex e descobriu a conexão de certas partes do corpo com zonas específicas do cérebro. Imaginou, antes de Laplace, a hipótese da formação do mundo a partir de uma nebulosa.

Sua palavra na Câmara dos Nobres sempre foi ouvida com respeito e admiração sobre temas inusitados para a época, como sistema decimal, reforma monetária, balanço de trocas internacionais e até sobre inflação, o grande fantasma da economia moderna.

Chegou a propor estudos sobre a viabilidade de submarinos e aviões, dado que, no seu entender, uma concentração de esforços nesse sentido levaria a soluções práticas dos problemas envolvidos nos respectivos projetos. Quanto ao átomo, era, a seu ver, um vórtice de partículas segundo um modelo planetário. Tais partículas ainda se subdividiam em outras menores, notável antecipação do modelo de Bohr e da própria física nuclear moderna.

Por isso, diz Durant que foi como cientista que ele se tornou famoso. Era, de fato, figura respeitável e eminente, quando, em 1745, resolver dedicar-se inteiramente ao estudo da religião, embora seu “gênio estivesse todo voltado para a ciência”. É que seus estudos pareciam encaminhá-lo na direção de uma “teoria mecanicista da mente e da vida, e daí ao ateísmo”, como informa Durant.

É de supor-se que, neste ponto, deva ter influenciado sua formação como filho de pastor protestante.

Colin Wilson nos conta que o momento decisivo, nessa virada de Emanuel para o aspecto religioso, ocorreu em 1744, quando aquilo “explodiu como uma torrente”. Escreve Wilson:

“Começou como um sonho, no qual ele ouviu fragorosa ventania que o atirou de face ao chão. Ele começou a orar e, então, viu Jesus diante dele. Após uma enigmática conversa, que termi-

nou com três palavras de Jesus: “Bem, então, assim”, ele acordou.”

Esta seria a primeira de inúmeras experiências desse tipo.

* * *

Emanuel Swedenborg nasceu em 29 de janeiro de 1688, em Estocolmo. Era o segundo filho do pastor Jasper Swedenborg, posteriormente Bispo de Skara. O nome Swedenborg foi adotado a partir de 1719, quando a família foi agraciada com um título nobiliárquico.

Emanuel foi educado na Universidade de Upsala. Concluiu o curso, viajou durante cinco anos (de 1710 a 1714) pela Europa (Inglaterra, Holanda, França e Alemanha), em busca de mais amplos conhecimentos científicos e tecnológicos.

De volta à terra natal, colaborou por algum tempo na publicação científica *Daedalus hyperboreus*, que despertou o interesse do rei Carlos XII, mas a revista não prosperou por falta de recursos. Em 1716 Swedenborg foi nomeado assessor do Colégio de Minas, ao qual serviria durante trinta anos, dedicado ao desenvolvimento da indústria da mineração sueca. Não deixou de viajar durante esse tempo, em incursões pela Europa, sempre ávido de novos conhecimentos nas matérias de sua preferência, como física, química, mecânica e filosofia.

Após a dramática experiência mediúnica de 1745 – estava, portanto, com 57 anos de idade – dedicou os restantes 27 anos de sua existência à especulação teológica.

Morreu em Londres, a 29 de março de 1771, e lá foi enterrado seu corpo, numa igreja sueca. Em 1908 o governo sueco providenciou a remoção de seus restos mortais para a Catedral de Upsala.

Seus biógrafos nos falam de uma pessoa tranqüila, saudável, de temperamento pacífico e comportamento exemplar. Com base na hipótese proposta por Dingwall, segundo a qual havia componentes freudianos na personalidade de Swedenborg, Colin Wilson atribuiu suas vidências (o termo próprio, para ele, é alucinação) a uma forte repressão de natureza sexual. Quando nada, a

teoria serve para evidenciar, uma vez mais, os exageros do pansexualismo freudiano que, praticamente, explicaria qualquer atributo humano, positivo ou negativo.

A grande frustração teria ocorrido, segundo teoriza Wilson, após Swedenborg ter sido recusado pela senhorita Pelhem, que, anteriormente, concordara em casar-se com ele.

Seja como for, Swedenborg foi realmente uma personalidade singular. Teria sido médium? Um paranóico? Um gênio? Um místico, desligado da realidade?

Esse é o homem que constitui objeto deste ensaio. Aproximamo-nos dele com o respeito que lhe é devido, bem como aos seus seguidores, espalhados pelo mundo, inclusive no Brasil. A atitude respeitosa, contudo, e mesmo de admiração, não deve inibir o trabalho de reavaliação de seus ensinamentos. Este papel é, portanto, uma análise crítica do pensamento de Emanuel Swedenborg.

* * *

Não há a menor condição de apresentar-se em mero estudo como este todas as coordenadas de uma doutrina que Swedenborg precisou de 60 volumes para expor. Não podemos, por outro lado, deixar de considerar alguns dos conceitos básicos em que se apóiam as vastas estruturas arquitetônicas das idéias do eminente pensador.

Recorramos, para isso, ao verbete da *Enciclopédia Britânica*, preparado pelo Reverendo Arthur Clapham, membro destacado da cúpula da Igreja instituída a partir dos ensinamentos do famoso vidente.

Antes disso, porém, há um aspecto a ser comentado. As informações biográficas de que dispomos, especialmente aquelas provindas de seguidores ou simpatizantes, nos dão conta de que Swedenborg, como diz o Rev. Clapham, “não pregou nem fundou uma igreja”; também a Igreja da Nova Jerusalém foi fundada por seus discípulos, por volta de 1784, doze anos após a morte do vidente, como também é fato que Swedenborg não pretendeu investir-se da condição de sumo-sacerdote ou dirigente de uma instituição formalmente estruturada. Não me parece correto,

contudo, dizer que ele não pregou e não fundou uma igreja. O observador que o estuda sem envolvimento maior fica impressionado com as inúmeras referências à Nova Igreja preconizada nos seus textos e ao importante papel que teria essa instituição na retomada do Cristianismo. Em verdade, essa é, no entender do pensador sueco, a “verdadeira Religião Cristã”, expressão que serve de título à alentada obra em dois volumes que temos traduzida em português.⁴

É certo que Swedenborg não formalizou uma estrutura eclesial, tal como conhecemos instituições semelhantes, com seus rituais, sacerdócio, cultos, dogmas e liturgia, mas não há como fugir, a meu ver, à realidade de que ele tenha estimulado a criação dessa instituição, que, ao ser formalizada pelos seus discípulos e continuadores, era a simples tradução, no plano físico, daquilo que o mestre havia concebido.

A Nova Igreja, expressão formal do “verdadeiro cristianismo”, resultava de revelação direta de Deus a Swedenborg. Em verdade, tal revelação equivalia ao proclamado segundo advento de Jesus. A instrumentação necessária à propagação da nova teologia estaria prevista explicitamente em Daniel e no Apocalipse, como se lê no pórtico de *A Verdadeira Religião Cristã*.

Recorro ao texto da Bíblia de Jerusalém (Daniel, 7:13-14):

“Estava eu contemplando as visões da noite, e eis que nas nuvens do céu vinha como um Filho de homem. Dirigiu-se ao ancião e foi levado à sua presença. A ele se deu império, honra e reino e todos os povos, nações e língua o serviram. Seu império é um império eterno, que nunca passará, e seu reino não será destruído jamais.”

Os textos escolhidos no Apocalipse em apoio da nova teologia são os seguintes:

“Logo vi um novo céu e uma nova terra... E vi a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, engalanada como uma noiva ornada para o seu esposo. Então veio um dos sete anjos e me disse: Vem que te vou mostrar a noiva, a esposa do Cordeiro, e levou-me em espírito a um monte grande e alto e me mostrou a cidade Santa de Jerusalém que

descia do céu, de junto de Deus. E aquele que estava sentado no trono me disse: eis as novas coisas que faço. E acrescentou: Escreve. Estas são palavras certas e verdadeiras.”

Seriam esses, no entender de Swedenborg, os apoios bíblicos da sua doutrina. Daí porque a instituição concebida para implementar essa revelação chamou-se Nova Igreja ou Igreja da Nova Jerusalém.

Swedenborg não hesitou em aceitar a tarefa missionária, como não hesitaria em aceitar a identidade do espírito que se apresentou à sua visão como sendo o próprio Cristo, ao qual ele atribui condição divina. Sua boa-fé é inquestionável, tanto quanto indubitável a sua honestidade (excessiva boa-fé, como poderemos observar no curso deste trabalho).

Começava a desdobrar-se o gigantesco painel de uma nova filosofia religiosa que, obedientemente, Swedenborg iria passando para o papel.

Um problema inicial não podia ser, contudo, ignorado: havia um grupo de seitas cristãs que, de muito, precediam, historicamente, à sua “verdadeira religião cristã”. O próprio Swedenborg tivera sua formação, como filho de um diligente pastor protestante, nas antigas instituições que agora pretendia reformular. Isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que era necessário trabalhar sobre as estruturas do Cristianismo vigente, tornava-se imperioso introduzir nelas mudanças substanciais que justificassem, na nova doutrina, o conceito da verdadeira e autêntica religião cristã. Em suma, era necessário uma grande cirurgia, não apenas uma renovação de maquiagem; uma cirurgia, contudo, que não descaracterizasse o Cristianismo a ponto de torná-lo irreconhecível.

A essa tarefa entregou-se Swedenborg – e, naturalmente, os espíritos que com ele se associaram – nos próximos 27 anos de sua vida terrena.

Ainda há quem discuta se Swedenborg foi médium ou não. Colin Wilson não tem dúvidas a respeito, nem Podmore⁵ ou Sir Arthur Conan Doyle.⁶ Já seus seguidores e simpatizantes –

Arthur Clapham⁷ ou Henry de Geymuller⁸ – esforçam-se por excluí-lo dessa categoria. Sem muito êxito, a meu ver.

“... Swedenborg – escreve Clapham – tem sido frequentemente considerado como “médium” espírita; deve-se, contudo, observar que o conceito normal de mediunidade está, no seu caso, ao reverso: “o homem é admitido ao reino espiritual e não os espíritos ao mundo material”.”

O ilustre reverendo não parece dispor de boa noção de mediunidade. Tanto faz visitar os espíritos no ambiente que lhes é próprio como recebê-los no plano físico em que vivemos nós, a pessoa encarnada que serve de elemento de ligação, nesse intercâmbio, é um médium. Dificilmente poderíamos melhorar a definição curta e precisa de Kardec:

“Médium (do latim *medium*, meio, intermediário) – Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXXII).”

Escuso-me perante o leitor de desdobrar este aspecto, que se acha tratado com a amplitude desejável, espero eu, em livro meu, inédito a esta altura.⁹ Julgo necessário, contudo, abrir espaço aqui para algumas observações suplementares.

O fenômeno do mero desdobramento perispiritual – a projeção, segundo terminologia proposta pelo Dr. Waldo Vieira¹⁰ – não é, necessariamente, atividade mediúnica, no âmbito da definição de Kardec, de vez que nem sempre o espírito encarnado, momentaneamente afastado do seu corpo físico, funciona como intermediário entre espíritos e os encarnados. Pode estar simplesmente em observação, como ocorreu usualmente com Swedenborg. Estamos aqui perante fenômeno anímico, ou seja, atividade da alma encarnada, que se projeta no mundo espiritual e relata (ou não) aquilo que observa. Se, porém, durante essa visita astral, o sensitivo em desdobramento entra em contato com seres desencarnados e traz para os encarnados o resultado de suas conversações com os espíritos, então não há como deixar de conceituá-lo como médium, de vez que está, precisamente, servindo de veículo de comunicação entre espíritos e seres

humanos, ainda que os espíritos não falem ou escrevam utilizando-se de seu corpo físico.

Ora, os livros de Swedenborg estão repletos de relatos desse tipo. Inúmeros são os capítulos em *A Verdadeira Religião Cristã*, por exemplo, aos quais foram acrescentados um ou mais relatos de tais encontros no mundo espiritual (Swedenborg chama-os “memoráveis”, creio que no sentido de que representam lembranças (memórias) de tais encontros).

Não apenas nesse aspecto, porém, ele se caracteriza como médium, dado que ele próprio nos proporciona elementos decisivos nesse sentido:

“... Quando os espíritos estão (conscientemente) junto do homem e notadamente quando se acham colocados às suas costas, eles imaginam ser, eles próprios, homens e se isto lhes for permitido, poderão *comunicar seus pensamentos oralmente ou por meio do homem, e até mesmo por escrito*. Com efeito, aconteceu-me, às vezes, para não dizer *frequentemente*, que eles *me conduziram a mão* enquanto eu escrevia, como se fosse a deles, a ponto de eles próprios estarem convictos de que eram eles que escreviam. Isso é tão verdadeiro que posso atestá-lo. Eles poderão mesmo, se lhes for permitido, escrever em seu próprio estilo; eu sei disso por causa de uma breve experiência. Mas isto normalmente não é permitido.”

O texto consta de seu *Diarium* (item nº 557), segundo citação de Geymuller, que traduzo do francês. Os destaques são meus.

Aliás, a mediunidade de Swedenborg parece ter tido elevado componente animista, bem maior do que seria desejável. Devo acrescentar logo que, no meu entender, o exercício da mediunidade exige esse componente anímico ou, em outras palavras, ainda que aparentemente mais radical: não há mediunidade sem animismo, dado que a comunicação tem de fluir através do espírito encarnado, que a Doutrina dos Espíritos define como alma (anima). Bom médium não é aquele que exclui totalmente a sua contribuição anímica, o que seria impraticável pela própria essência do fenômeno, mas aquele que reduz a um mínimo possível a sua interferência ou participação intelectual no proces-

so, tanto quanto no produto final, que é a comunicação filtrada pela sua sensibilidade.

Novamente lembro que o assunto vem sendo tratado de modo mais explícito em livro de minha autoria.¹¹ O que desejo caracterizar neste ponto é o fato de que não há como deixar de atribuir a Swedenborg faculdades mediúnicas. Ele próprio oferece insuspeito testemunho disso, como acabamos de verificar.

Embora seu depoimento posterior, como Espírito, não contenha, para aqueles que rejeitam a realidade espiritual, a força da evidência, convém acrescentar que, em diálogo com Kardec, reproduzido na *Revista Espírita* de novembro de 1859,¹² Swedenborg reconhece, com a sua característica honestidade, o elevado teor anímico que se incorporou ao seu trabalho mediúnico. Quando Kardec lhe pergunta se o espírito que o levou a escrever coisas “que hoje reconheceis como errôneas” o fez de boa ou má intenção, Swedenborg responde:

“Não o fez com má intenção. Ele próprio estava enganado, pois não era bastante esclarecido. Hoje eu vejo que *as ilusões do meu próprio Espírito* e da minha inteligência *o influenciavam*, malgrado seu. Entretanto, no meio de alguns erros de sistema, fácil é reconhecer grandes verdades.”

Mais adiante, nesse mesmo diálogo, acrescenta o espírito, ainda interrogado por Kardec a respeito, um informe acerca da operação de suas faculdades:

“Quando eu estava em silêncio e em recolhimento, meu Espírito como que ficava deslumbrado, em êxtase, e eu via claramente uma imagem à minha frente, que *me falava e ditava o que eu deveria escrever*. Por vezes, *minha imaginação se misturava a isso*.”

Em suma: Swedenborg dispunha de faculdades mediúnicas (vidência, audiência, psicografia), às quais se misturava forte componente anímico, como ele mesmo o admite, com toda clareza.

São estas, por conseguinte, as condições que presidiram à elaboração das doutrinas contidas nos volumosos escritos do vidente sueco.

Tentaremos resumi-las, para entendimento mínimo que seja, do seu pensamento. Convém logo dizer que concordamos com o seu próprio juízo, manifestado a Kardec, de que, ao lado de erros, há verdades, nos seus textos.

Ressalvo apenas que, no meu entender, não foram apenas *alguns erros*, porém muitos e graves. Quanto à verdade, não é grande nem pequena; ela é ou não o é, sem necessidade de adjetivações.

* * *

Sua doutrina nos ensina que Jesus Cristo é o próprio Deus encarnado, que teria descido à terra na condição humana, a fim de conter o poder dos demônios, cujo império infernal avançava continuamente, ameaçando os domínios do céu. Isto somente seria viável se o próprio Deus, encarnado, medisse forças com os poderes infernais, não na sua condição divina, mas como simples humano, a fim de que pudesse *salvar* as suas criaturas. Que Deus onipotente não pudesse fazê-lo sem revestir o tosco instrumento humano do corpo físico, é incongruência que o teólogo esforçasse por explicar. Sem o menor êxito, a meu ver.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que rejeita o dogma da Trindade, ele precisa, de certa forma, preservá-lo, por entender que o texto evangélico o autoriza.

A propósito disto, há em Andrew Jackson Davis¹³ esta observação acerca de Swedenborg, que merece atenção:

“Devo observar, contudo, que o autor de *Apocalypsis Revelata* encontrava-se às vezes em elevada condição espiritual que lhe proporcionava oportunidade de chegar com precisão às mais importantes verdades a respeito da realidade espiritual ou das esferas do mundo interior. Mas, convém acrescentar com clareza que as conclusões as quais ele, às vezes, chegava, apesar de verdadeiras, não resultam legitimamente de sua filosofia.”

Com a observação pessoal de que o destaque no texto encontra-se no original inglês de Davis, podemos depreender que, na opinião do autor desta obra, nem sempre Swedenborg encontrava-se nas condições ideais para contatos com o mundo espiritual e, por isso, verdades legítimas envolveram-se em conclusões

fantasiosas, com o que concordamos nós e admite claramente o próprio Swedenborg, já na condição de espírito, no seu diálogo com Kardec, como vimos.

* * *

O estudioso que se sentir um tanto perplexo e até inibido ante a vastidão e complexidade da obra de Swedenborg terá uma chave mestra da maior importância na observação de Davis, segundo a qual é a letra exata e incontestável da Bíblia o fator predominante em toda a ordenação do pensamento místico sueco.

“Assim – escreve Davis – ele fez da Palavra ou Bíblia o foco ou centro da verdade divina, ao qual os ensinamentos colhidos na natureza deviam ficar subordinados.”

Realmente é o que se passa. Swedenborg parte do texto bíblico para interpretar os fenômenos que observa no mundo físico – *natural*, na sua terminologia – e parte, igualmente da Bíblia, para interpretar o mundo espiritual. Para ele, a palavra da Bíblia é intocável, mesmo em textos sob severa suspeita de acomodação e enxertia, ou que tenham sido reescritos e até expurgados posteriormente, em vista de flagrantes incongruências ou manipulações desastradas.

Lemos, por exemplo, em *A Verdadeira Religião Cristã*, item 164, que “Há uma Trindade Divina, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo”. O autor procura explicar que não são três pessoas, ou três deuses, mas “os três essenciais de um único Deus”, como vem explicitado no item 166. Nem sempre a terminologia swedenborguiana é bastante clara para a mentalidade moderna, mesmo porque os originais de sua autoria foram elaborados em latim, no contexto dos conhecimentos e das estruturas de comunicação da época, segunda metade do século XVIII. Creio, portanto, que se possa traduzir seu pensamento a respeito da trindade da seguinte maneira: não são três pessoas distintas, o que equivaleria dizer que há três deuses, mas um só Deus com atributos essenciais diversos. Como, porém, tais atributos se personalizam?

Esse contorcionismo verbal resulta, obviamente, da necessidade de preservar de alguma forma o conceito trinitário, que ele vê consagrado nos seguintes textos evangélicos:

“O Anjo Gabriel disse a Maria: um Espírito Santo virá sobre ti e uma virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso, o que nascerá de ti Santo, será chamado filho de Deus.” (Lucas 1:35)

Das referências sobre o batismo – Mateus 3:16-17, Marcos 1:10-11 e João 1:32 –, Swedenborg extrai a convicção de que o Espírito Santo manifestou-se sob a forma de uma pomba, enquanto a voz de Deus atestava a condição de Jesus como filho bem amado.

Segue-se Mateus (28:19), segundo o qual Jesus mandou que seus discípulos saíssem a pregar e a habitar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Finalmente, é trazido ao debate o versículo 7, capítulo 5 da 1ª Epístola de João, que consta da seguinte maneira, na versão brasileira de *A Verdadeira Religião Cristã*:

“Há três que dão testemunho no céu, o Pai, a palavra e o Espírito Santo.”

Além desses, Swedenborg lembra que o próprio Cristo orou ao Pai e prometeu aos apóstolos que lhes mandaria o Espírito Santo (em verdade, não é o Espírito Santo, e sim o Consolador).

Não há, portanto, para Swedenborg, a menor dúvida de que os textos evangélicos estabelecem a trindade divina. Ele entende, contudo, que se trata de uma tríade de atributos e não de pessoas distintas.

Por causa desses e de outros enigmas contidos no conceito da trindade é que a teologia ortodoxa preferiu revesti-lo com a pesada armadura do dogma, tornando-o inquestionável, como objeto intocável de fé, ainda que absurdo.

Swedenborg não se saiu melhor com a sua versão modificada e nem poderia, já que a trindade é regida pela lógica do absurdo. Como ele entendia esse conceito autorizado no texto evangélico, cabe uma pergunta objetiva e honesta: É verdade que os textos citados proclamam o dogma da trindade?

A resposta é: *Não*. E vejamos por que.

O primeiro deles – Lucas 1:35 – até que está corretamente traduzido na versão brasileira de *A Verdadeira Religião Cristã*. Lemos nos comentários do Prof. Carlos T. Pastorino à sua tradução direta do grego¹⁴ que a expressão exata é mesmo a que consta aqui, ou seja, a de *um espírito santo*, isto é, um espírito que atingira elevada condição evolutiva teria seu corpo gerado por Maria. As traduções habituais nos falam, contudo, não de *um espírito* elevado, mas do Espírito Santo, a fim de justificar a terceira pessoa da trindade divina.

Quanto ao texto de João, alusivo ao batismo, também não autoriza a versão trinitária. O que está ali escrito, segundo se lê na Bíblia de Jerusalém, é que, ao batizar Jesus, João teria visto “o espírito que descia do céu *como uma pomba*”. Não é, portanto, uma pomba que desce do céu, é *um espírito* que desce como um pássaro e paira sobre a cabeça de Jesus. Também não encontramos ali menção ao Espírito Santo, mas a um espírito. A Bíblia de Jerusalém acrescenta, honestamente, que a expressão “como uma pomba” não figura em algumas versões, forte indício de que possa ter sido acrescida posteriormente.

No texto correspondente, em Mateus, a expressão é o “espírito de Deus”; em Marcos, a referência também é apenas ao “espírito”, e não ao Espírito Santo.

A origem de tudo isso parece ser Isaías 11:2, de onde se lê que “repousava sobre ele o espírito de Javé, espírito de sabedoria e inteligência, espírito de aconselhamento e fortaleza, espírito de ciência e temor a Javé”. Nada, pois, de espírito santo.

Em 61:1, Isaías repete a expressão para caracterizar o ser que procura viver segundo a vontade de Deus: “O Espírito do Senhor Javé está sobre mim”, diz o profeta. Nenhuma cogitação acerca de pessoa ou atributo da divindade.

Já o texto de Mateus (28:19), segundo o qual Jesus manda seus apóstolos a pregarem e a batizarem “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, é eminentemente suspeito, para não dizer francamente apócrifo, como o confessa, com honestidade exemplar, a Bíblia de Jerusalém, ao comentar que:

– É possível que esta fórmula se ressinta, em sua precisão, do uso litúrgico estabelecido mais tarde na comunidade primitiva. Sabe-se que os Atos falam em batizar “em nome de Jesus”, cf. Atos 1:5. Seja o que for em relação a estas versões, a realidade profunda é a mesma.

Não é a mesma. A realidade profunda é a de que o batismo *não foi praticado pelo Cristo*, embora haja evidência de que os apóstolos o fizessem. O ato consistia apenas numa forma de iniciação, de admissão da pessoa à comunidade cristã, tanto quanto a circuncisão constituía o ato por excelência da admissão dos judeus à sua comunidade, prática que prevalece ainda hoje.

É certo, porém, como sugere a nota da Bíblia de Jerusalém, que o texto haja sofrido a influência de práticas sacramentais posteriores. Em outras palavras: depois que o sacramento do batismo passou a ser praticado “em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo”, alguém enxertou a expressão no texto de Mateus. Tanto é isto verdadeiro que o versículo correspondente em Marcos nada diz acerca da trindade. Esqueceram-se, provavelmente, de “corrigi-lo” também. O que lemos ali é o seguinte (Marcos 16:15):

– Ide por todo o mundo e proclamai a Boa Nova (Evangelho) a toda criatura. O que crer e seja batizado será salvo, o que não crer será condenado.

Mesmo esse texto, contudo, oferece dificuldades quanto à sua autenticidade, especialmente ao concluir que só se salva aquele que tem fé e é batizado. O Cristo não tem essa proposta.

Não obstante, ainda que assumindo posturas posteriores, quando o batismo já deixara de ser mero sinal de iniciação, para tornar-se sacramento salvífico, a versão de Marcos nada diz a respeito do Espírito Santo, que acabou presença obrigatória nos rituais correspondentes até hoje.

Resta, finalmente, conferir a citação contida na 1ª Epístola de João. Recorramos uma vez mais à Bíblia de Jerusalém, cuja honestidade temos gabado.

Discorrendo sobre aquele que vence ao mundo por crer em Jesus Cristo como filho de Deus, lembra o autor que há evidências a respeito dessa condição do Cristo:

“Pois três são os que dão (disso) testemunho: o espírito, a água e o sangue, e os três convivem no mesmo.”

A expressão Pai, Verbo e Espírito Santo – esclarece a Bíblia de Jerusalém, em sua correspondente nota de rodapé – figura no texto da Vulgata “por um inciso (mais abaixo, entre parênteses) ausente dos manuscritos gregos antigos, nas antigas versões e dos melhores manuscritos da Vulgata, e que parece uma glosa marginal tardiamente introduzida...”

Claro, portanto, na palavra insuspeita dos eruditos de Jerusalém, que a expressão “Pai, Verbo e Espírito Santo” não figura nos textos mais antigos e nem nas versões mais confiáveis da Vulgata. Onde aparece, nesta figura em separado (mais abaixo) e entre parênteses, demonstrando a manipulação do texto com o objetivo de dar apoio à doutrina da trindade.

Não há, pois, amparo textual evangélico para o dogma da trindade divina. Limito-me aqui a estas observações, de vez que o assunto foi tratado com maior amplitude em outro livro meu.¹⁵

Entendia, não obstante, Swedenborg que os textos que acabamos de examinar preconizavam a doutrina da trindade, o que o levou a elaborar a sua própria versão, tão inaceitável quanto a outra.

Para ele, em resumo, Deus resolvera assumir a condição humana, nascendo como filho de Maria, a fim de enfrentar as tentações a que os homens estavam expostos e, com o seu poder, resgatá-los e salvá-los, tudo segundo a letra dos textos, que sabemos terem sido amplamente manipulados para dizer aquilo que convinha aos interesses doutrinários e mundanos da hierarquia eclesiástica.

É preciso entender, contudo, que a crítica aos textos bíblicos, especialmente aos evangélicos, somente começa em Reimarus (1694-1768). Apesar de contemporâneo de Swedenborg, é pouco provável que este tenha tomado conhecimento de tais idéias, tanto que, ao morrer, Reimarus deixou sua vasta obra inédita, em

mãos de sua mulher, “que nunca se atreveu a publicá-la”, como diz Will Durant.¹⁶ Mesmo os fragmentos posteriormente ditados provocaram consideráveis turbulências entre os eruditos, em vista da severidade de suas críticas ao cristalizado e consolidado sistema de crenças, dogmas e práticas vigentes, bem como pela ousadia intelectual de considerar o Cristo como personalidade histórica e, portanto, exposta às técnicas e à metodologia da historiografia, e não um Deus que a esses critérios não poderia ser sujeito.

Nos dois séculos intercorrentes, de Reimarus até nossos dias, acumulou-se vasto material de estudo, não apenas acerca dos textos, mas da historicidade de Jesus. Também estes aspectos são tratados com a amplitude necessária no já mencionado livro de minha autoria.

Posto isto, voltemos a Swedenborg.

* * *

Como vimos, a Bíblia foi o fulcro do seu pensamento teológico, tanto para contemplar, de um lado, o mundo material, quanto, de outro, o mundo espiritual. Para explicar a óbvia conexão entre essas duas faces da vida, imaginou ele complexa teoria de correspondências, segundo a qual conceitos espirituais ou éticos seriam representados no mundo material por símbolos concretos.

Os exemplos são inumeráveis. Por exemplo, a afeição natural corresponde, no mundo, ao bezerro e ao boi; a calvície é representação da burrice, dado que, no entender de Swedenborg, “os que desprezam a Palavra (da Bíblia, evidentemente) tornam-se calvos no mundo espiritual”. Daí, segundo ele, serem cobertos por uma tiara... A carne representa o bem do amor e da caridade, o bem espiritual. Para o cavalo há várias correspondências, segundo a cor do animal, o termo genérico *cavalo* significa “o entendimento da Palavra”, o cavalo branco é o “entendimento da Palavra quanto ao bem e ao vero”; o cavalo russo (baio?), “o entendimento da Palavra destruído quanto ao bem” (?); o cavalo preto, o mesmo entendimento “quanto ao vero”, ao passo que o cavalo morto é o “vero tornado nulo”. Já as vacas respondem pelas boas afeições naturais.

Às vezes os conceitos se tornam ininteligíveis aos leitores menos familiarizados com a linguagem e as estruturas de pensamento do vidente. Por exemplo, o gafanhoto significa “os falsos nos extremos”; as folhas de figueira, “os veros do homem natural”; os crocodilos, “as cobiças do amor diabólico”; o carvalho, “o bem e o vero sensuais da Igreja”.

A teologia que emerge desse intercâmbio entre o mundo espiritual e o material, com passagem obrigatória e literal pelo texto bíblico, substitui uns tantos dogmas por outros, como vimos, ainda há pouco, em relação à trindade. Não é isso, porém, o que pensa Swedenborg. Para ele, suas doutrinas não são dogmas, mas o enunciado de leis divinas. Céu e inferno são realidades insofismáveis, tanto quanto demônios e anjos. O juízo final teria ocorrido no ano de 1757. Pouco depois, precisamente a 19 de junho de 1770, o Senhor (Deus/Jesus/Espírito Santo) teria convocado os apóstolos para enviá-los “ao mundo espiritual (?) para aí pregarem o Evangelho”. Esses mesmos apóstolos teriam sido, em outra oportunidade, enviados a Swedenborg, enquanto ele escrevia.

Confesso-me incapaz de conciliar isto com a informação do mesmo Swedenborg de que “o culto dos santos é uma tal abominação no céu, que é bastante ouvir falar dele para ser tornado de horror, porque quanto mais um culto é prestado a um homem, tanto mais o culto é retirado do Senhor, pois assim Ele não pode ser adorado só; e se o Senhor não é adorado só, se faz uma partilha que destrói a comunhão e a felicidade da vida da comunhão”.

Mais uma vez, o leitor pode perceber que Swedenborg está aferindo a sua imagem de Deus pelo texto bíblico do Antigo Testamento, que considera Deus um ser ciumento e severo que não admite a mínima parcela de alienação das homenagens que lhe seriam devidas.

Desejoso de saber o que acontecia no mundo póstumo aos santos católicos, alguém retirou uma centena deles “da terra inferior” (?). Eles tinham sido canonizados, mas eram uns desvairados. Swedenborg diz ter conversado com um deles, identificado simplesmente como Xavier (Francisco?) que lhe falava

como verdadeiro insensato. O mais que conseguiu foi contar ao vidente algo sobre “o lugar onde tinha sido encerrado com outros”. Não que fosse insensato, explicou, mas “tornava-se insensato todas as vezes que pensava que era santo e queria ser invocado”.

A propósito, conta ele seu “encontro” com Maria:

“Acrescentarei este fato muito digno de ser referido: Um dia, Maria, Mãe do Senhor, passou e foi vista acima da Cabeça, em uma vestimenta branca; e então, tendo-se detido um pouco, ela me disse que tinha sido a Mãe do Senhor e que na verdade Ele tinha nascido dela, mas que tendo sido feito Deus, tinha se despojado de todo Humano que tinha dela e que por conseqüência, ela O adora agora como seu Deus e não quer que seja quem for O reconheça por seu Filho, porque n’Ele tudo é Divino.”

É oportuno esclarecer que para Swedenborg – que não admite a reencarnação de forma alguma – a alma dos seres humanos vem do pai e o corpo físico da mãe; ela estaria na semente do pai e se reveste de um corpo físico no organismo da mãe. Alma e corpo são distintos, mas interdependentes. Ao morrer, a criatura “despe o natural (corpo físico) que recebeu da mãe e retém o espiritual que lhe veio do pai”. O organismo elaborado pela alma constitui, com esta, mero receptáculo que lhe chama “influxo” divino.

* * *

Sobre os espíritos, a confusão é total, na doutrina do vidente sueco. Eles não pensam e falam por si mesmos, mas segundo outros, e estes segundo outros tantos, assim sucessivamente, até Deus. Os que falam com os homens, contudo, adotam prontamente as mesmas idéias que estes e, por isso, os confirmam nos seus erros. Não se deve, portanto, acreditar neles; são mentirosos, fazem-se passar por anjos e pelo próprio Jesus. O relacionamento com eles deve ficar rigorosamente adstrito a um intercâmbio *inconsciente*. Ainda segundo Swedenborg, os espíritos nada podem ver do mundo material e nunca sabem que se acham entre os homens. Não sabem quem são, perdem a noção de

personalidade, sabendo apenas que são as pessoas cujos pensamentos adotam.

A simples exposição de tais conceitos revela espantoso conjunto de incongruências e contradições. Ao mesmo tempo em que são mentirosos contumazes, os espíritos são as criaturas incumbidas de trazer até os seres na carne o influxo divino, através de uma cadeia hierárquica contínua. Isto, porém, tem de ser realizado pelas vias inconscientes, dado que, se realizada “ilicitamente”, pelos canais conscientes, os que admitem esse intercâmbio com os espíritos abdicam ao controle sobre si mesmos. Como? se está dito em várias oportunidades, que ao falarem com os seres humanos os espíritos adotam as idéias da pessoa com a qual falam? E como se explica que a doutrina de Swedenborg tenha vindo através de seu intercâmbio consciente com os espíritos?

Essas dificuldades e contradições emergem, obviamente, do problema de conciliar a suposta proibição bíblica de intercâmbio com os espíritos – que Swedenborg toma ao pé da letra, com tudo o mais que está na Bíblia – com a clara evidência de que ele próprio vivia em permanente contato com os chamados mortos. Ele se julgava, contudo, ao abrigo de tais riscos e a salvo das proibições mosaicas, em virtude de proteção ou licença especial, dado que sua fonte última de informação e guia de seus passos seria o próprio Deus, na personalidade de Jesus.

Mas que se abstivessem os demais – toda a gente – desses contatos, dado que tais práticas constituíam caminho seguro rumo à loucura. Foi o que disse explicitamente ao seu amigo Robsahm, que lhe perguntara, certa vez, sobre se outras pessoas, além de Swedenborg, poderiam também usufruir dessa maravilhosa convivência com os espíritos.

– Cuidado – respondeu o vidente –. É um caminho que conduz ao hospício...

A “tese” pegou e foi adotada por muitos “cientistas” e “pensadores” e ainda hoje pode ser ouvida aqui e ali, apesar de bastante desgastada e desmoralizada pelas evidências dos fatos.

* * *

Vemos, portanto, que restou pouco espaço para Swedenborg montar a estrutura da sua teologia, dado que, no seu entender, “o cristianismo se levanta agora pela primeira vez; até o presente, só existiu de nome: houve apenas uma sombra dele entre alguns”.

Digo pouco espaço porque ele precisava erigir novo edifício teológico sem demolir de todo o antigo, do qual achava possível – e necessário – aproveitar, com adaptações e reformas, conceitos como trindade, céu, inferno, anjos, demônios, divindade de Jesus, ou a criação de uma alma para cada corpo gerado na terra.

Mesmo assim, ou por isso mesmo, ou seja, em vista da exigüidade do espaço que lhe foi reservado para erigir a sua nova igreja, ele escreveu sessenta volumes!

O futuro reservava, porém, à sua doutrina dificuldades ainda maiores, como advento do Espiritismo, em meados do século XIX, cerca de um século depois de levantada toda a arquitetura ideológica do vidente sueco.

É o nosso próximo assunto, ou seja, como é considerada, na palavra de seus continuadores, a doutrina dos Espíritos e o que se depreende de uma aplicação de conceitos doutrinários espíritas ao pensamento swedenborguiano. Em suma: o que podemos inferir e observar de um confronto ideológico entre o Swedenborguismo e o Espiritismo.

* * *

A doutrina de Swedenborg foi elaborada entre 1745 e 1772, ou seja, a partir dos 57 anos de idade de seu autor até sua morte, aos 84 anos. Não tinha ele dúvidas acerca de seu papel como profeta de uma nova revelação, instrumento divino escolhido para concretizar, no plano físico, a preconizada segunda vinda de Jesus, a fim de colocar nos seus exatos termos e propósitos a verdadeira doutrina cristã. Isto não é censura ou crítica impensada; é a simples exposição de uma realidade íntima vivida pelo místico sueco com sinceridade e convicção.

Foi inevitável o choque com as tradicionais estruturas cristãs da época, catolicismo e protestantismo, de vez que a nova teolo-

gia se propunha a substituir as que então predominavam, trabalhando praticamente com o mesmo material básico.

Três quartos de século após a morte de Swedenborg e cerca de um século desde que ele começou a elaborar seu projeto teológico (em 1745), foi lançado em Paris, em 18 de abril de 1857, *O Livro dos Espíritos*, sob a responsabilidade de Allan Kardec. Eram óbvias as implicações da doutrina espírita com importantes aspectos do pensamento contido na vasta obra do vidente.

Se em alguns de tais aspectos havia concordância, em outros, do maior relevo, as conciliações eram impraticáveis, o eu abria, para os adeptos da Nova Igreja inesperada fase de controvérsias, ainda mais que, para desgosto deles, o próprio Swedenborg figurava, na condição de espírito, como um dos integrantes do grupo incumbido de transmitir a Kardec as informações que iriam compor o quadro geral da codificação. Podemos até identificar um toque de indignação nas palavras com as quais Henry de Geymuller se refere ao fato de que Kardec não era nada ignorante e estava familiarizado com os ensinamentos de Swedenborg. Era um modo de dizer que, se alguma coisa havia de aproveitável no Espiritismo, teria sido colhido na obra de Swedenborg.

“A prova – escreve Geymuller – é ele próprio (Kardec) quem no-la proporciona em seu *O Livro dos Espíritos*. Com efeito, ele publicou na entrada desse volume uma declaração, espécie de credenciamento a ele entregue por certo número “de espíritos superiores” para confirmá-lo na sua missão de apóstolo do Espiritismo. Ao pé desse surpreendente documento, ao lado da assinatura de S. João, Santo Agostinho, São Luís, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin e de muitos outros ilustres desencarnados, encontra-se também o nome de Swedenborg!”

Duas retificações se fazem oportunas: a declaração a que alude Geymuller não figura, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, na entrada, e sim à página 170, Nota XVII (nº 500). Segunda, não são *assinaturas* e sim citações de espíritos que Kardec declara haverem contribuído com a sua participação no trabalho coletivo de elaboração da obra.

Geymuller não hesita, contudo, ao declarar que, diante disso, estava bem claro que a obra de Swedenborg era uma das fontes nas quais Kardec fora buscar “algumas de suas noções acerca do Além”. Por isso, entendia ele, havia entre os espíritas modernos “uns tantos swedenborguianos extraviados”. Ademais, isto explicaria, a seu ver, a correção de certos conceitos filosóficos adotados pelo Espiritismo.

Em verdade, a declaração em si merece reparos. Das dificuldades em conciliar a doutrina de Swedenborg com a dos espíritos, veremos no decorrer deste papel. Quanto a um ou outro ponto comum, pelo menos da fenomenologia, nada há de admirar-se, de vez que os fatos não são propriedade desta ou daquela doutrina específica, e sim eventos naturais sobre os quais cada qual tem todo o direito de formular suas conclusões.

O livro de Geymuller tem por objeto a tarefa de traçar, com a possível nitidez, os limites territoriais das duas doutrinas, como já havia sido feito, no passado recente, entre a Nova Igreja e as tradicionais (católica e protestante).

Provavelmente para não caracterizar sua obra como de ataque específico ao Espiritismo, o Dr. Geymuller intitulou-a *Swedenborg et les Phénomènes Psychiques* (Swedenborg e os fenômenos psíquicos).

O prefaciador do livro, L. B. de Beaumont, doutor em ciências e ex-professor da Universidade Real de Dublin, esforça-se por convencer ao leitor de que a obra de Geymuller foi escrita sem “parti pris” e que seu autor “não sustenta uma tese”.

Ora, a simples escolha de um assunto para debate já representa uma tomada de posição. Quanto à tese, não é nem necessário que o autor a explicita, embora seja essa a prática; ela pode ser facilmente inferida da exposição. Em outras palavras: o Dr. Geymuller tem, sim, claras posturas preconcebidas e expõe ao leitor a tese da inquestionável superioridade da doutrina de seu mestre sobre os preceitos espíritas, que, a seu ver, devem ser inapelavelmente rejeitados.

Aliás, não é preciso ir muito longe e muito profundamente no livro, para encontrar, logo à página 35, a caracterização do

Espiritismo como “necromancia moderna”, em vista de suas “aliciantes promessas”. Investido da condição de atento patrulheiro ideológico, Geymuller se propõe alertar os incautos contra as “mistificações” espíritas, de vez que, no seu entender, todos aqueles que confiam no espiritismo (com letra minúscula, naturalmente) são, “antes de tudo, uns trouxas” (*dupes*).

Se essa é uma postura isenta de idéias preconcebidas e se isto não é o enunciado de uma tese, então, que seriam?

Para avaliação tão abrangente quanto possível do livro de Geymuller, creio necessário apresentar um resumo dos principais aspectos por ele abordados.

* * *

Em primeiro lugar, Geymuller invoca contra as práticas espíritas a velha e desgastada condenação bíblica, que ele considera inquestionável “palavra de Deus”. Após longa exposição, informa ele, à página 77, a posição da Nova Igreja, ao “condenar peremptoriamente toda prática espírita como perigosa, imoral, irracional, inútil e, sob todos os pontos de vista, contrária à dignidade e à liberdade humanas”.

Como não pode o autor escapar à admissão da fenomenologia, dado que o próprio Swedenborg praticou várias formas de mediunidade, ele se apressa em dizer que são “formas ilícitas de intercâmbio como mundo supra-sensível”. Embora não explicitamente, é certo que ele entende que somente Swedenborg estaria autorizado a praticar esse intercâmbio, como observador, dado que seu instrutor era o próprio Deus, na personalidade visível de Jesus. Ademais, os espíritos não nos proporcionam, a seu ver, nenhuma assistência moral, “ao contrário, nos confirmam inevitavelmente em nossos males e em nossos erros e, em geral, em nossas afeições e pensamentos”.

Não se deve, pois, acreditar neles, como assegura o próprio Swedenborg, em seu *Diarium* (1622), nos seguintes e inequívocos termos:

“... que o homem se recuse, pois, a crer neles. Por essa razão, também é excessivamente perigoso para os homens deste mundo falar com os espíritos, a menos que estejam na posse da fé ver-

dadeira. Os espíritos se valem (quando o desejam) de tal persuasão de que são o próprio Senhor que fala e que comanda, que o homem não pode, sequer, deixar de acreditar e obedecer.”

Incrível pensar que exatamente assim aconteceu ao próprio Swedenborg, que se deixou envolver por espíritos ardilosos que lhe transmitiram toda uma fantasiosa estrutura de pensamento sobre a qual a nova seita religiosa se erigiu.

Em evidente contradição com o que ficou recomendado no *Diarium*, Swedenborg escreve, em *Do Céu e do Inferno*, que os espíritos nunca sabem que estão junto dos encarnados, mas quando isso ocorre, acreditam pertencer a eles tudo quanto se encontra na memória dos encarnados. Se mentiras são, portanto, elas teriam de provir do material fornecido pelo próprio ser humano encarnado, que, de enganado, passaria a enganador.

Ao mesmo tempo em que parecem não ter vida nem pensamentos próprios, os espíritos são tidos, sem exceção, por Swedenborg como ardilosos e envolventes.

“A verdade – escreve Geymuller com a maior convicção –, a fria e cruel verdade é a de que os espíritas se comunicam com o fantasma de suas próprias lembranças, animadas por alguns momentos de vida aparente, resultante de contato ilícito com o universo superior.”

O eminente autor não parece nem um pouco alertado para o fato de que os seres comunicantes têm sua própria autonomia e transmitem informações freqüentemente desconhecidas da parte do encarnado, ao qual se dirigem. Além disso, é irracional supor que o contato com aquilo a que ele chama “universo superior” possa resultar em tão aflitivo conjunto de mentiras e fantasias.

Mais grave do que isso, ainda, e também incongruente, é a dogmática declaração do eminente autor, como se segue:

“O perigo do espiritismo reside no fato de que as relações entre os homens e os espíritos se tornam *conscientes*, de inconscientes que deveriam ser.” (O destaque é do original.)

Quer dizer, portanto, que, em contradição com o que dizia há pouco, os espíritas não conversam com suas próprias fantasias, momentaneamente dotadas de vida, mas com espíritos mesmos,

e que esse relacionamento seria considerado perfeitamente normal e satisfatório pela doutrina swedenborguiana, desde que se mantivesse no plano inconsciente. Em outras palavras: o ser humano não deveria tomar conhecimento do que lhe chega pelas vias espirituais. Nesse caso, de que maneira examiná-las, criticá-las e decidir sobre sua autenticidade e correção, segundo recomendam os espíritos responsáveis e o próprio Kardec? Aliás, a cautela com o que dizem os espíritos e o atento exame crítico do que dizem estão recomendadas desde muito tempo nos textos evangélicos, como se sabe. E como se pode examinar e criticar algo senão através da atividade mental *consciente*?

A despeito de tudo isso, prossegue Swedenborg, profusamente citado pelo Dr. Geymuller, dizendo que Deus “governa os seres humanos por intermédio dos espíritos e dos anjos”. Insiste, porém, o autor em sua advertência sobre o perigo que representa “entrar em contato consciente” com os “mortos”, do que resultaria, a seu ver, “abdicar a todo controle e todo domínio sobre si mesmo em favor deles. Do que se depreende que o intercâmbio inconsciente, durante o qual não funcionam os mecanismos da crítica e seletividade, são os indicados! É isto, precisamente, o que ele, Geymuller, reitera pouco adiante:

“Desde que tal associação se mantenha *inconsciente*, tanto da parte dos espíritos como da dos homens, ela é benéfica e serve para manter, nestes últimos, o equilíbrio mental necessário à evolução moral.”

* * *

Para não alongar despropositadamente este trabalho, passaremos ao largo dos capítulos em que Geymuller examina os fenômenos de efeito físico. Convém apenas anotar, não obstante, que o seu critério universal de aferição da verdade – a verdade como a entende sua doutrina – está resumido numa frase que encontramos à página 88 de seu livro, como se segue:

“Com efeito, nossas doutrinas não são dogmas nos quais é preciso crer, mas o enunciado de leis que podem ser compreendidas e confirmadas *a posteriori*.”

Conceito semelhante pode ser lido logo à página 9, quando o autor nos assegura que “Swedenborg transformou o “sobrenatural” em realidade perfeitamente “natural”, regido por leis imutáveis”.

Se, no entanto, toda a vasta especulação de Swedenborg, assim como a de seus seguidores e continuadores, teve por objetivo *racionalizar o sobrenatural*, com o que estaríamos todos de pleno acordo, como entender a observação que Geymuller coloca à página 41 de seu livro?

“No dia em que a imortalidade da alma se tornasse *certeza científica, repousada na experiência positiva*, esse barômetro tão útil ao nosso progresso moral viria a faltar sem nada que pudesse substituí-lo. A fé na vida eterna perderia, dessa maneira, toda a sua virtude moral, toda a sua qualidade espiritual, e a religião, muito longe de retirar disso qualquer proveito, seria atingida por um impacto do qual logo sucumbiria.” (O destaque está no original.)

Segue-se, portanto, que o relacionamento com os espíritos deve continuar inconsciente, tanto da parte deles quanto de parte dos encarnados. E mais: que, ao contrário do que preconizam a Doutrina dos Espíritos, e a lógica e mais o bom senso, a fé *não deve* buscar apoio na verdade dos fatos cientificamente comprovados e demonstrados, pois isto destruiria a própria estrutura do pensamento e das práticas religiosas.

* * *

Segue-se, no livro de Geymuller, longa dissertação sobre o *limbo*, que, na terminologia swedenborguiana, corresponde ao perispírito, um dos raros aspectos, aliás, perfeitamente aceitáveis de seu pensamento.

Swedenborg entende o limbo como envoltório espiritual, mais energético do que material, constituído “das mais puras substâncias da natureza”, dotado de poder organizador sobre a matéria densa e que funciona como elemento de ligação entre corpo físico e alma. É, ainda, o limbo que capta energias cósmicas com as quais se nutre e fortalece.

Geymuller chega, neste ponto, a fazer uma concessão, admitindo que o conceito swedenborguiano do limbo coincide com o do perispírito proposto por Allan Kardec. Seria este, provavelmente, um dos aspectos, segundo ele, que o Codificador teria “aprendido” com Swedenborg. Não deixa, contudo, de pôr seu reparo, ao declarar que o termo perispírito é inadequado, porque o limbo é mais do que simples envoltório. Podemos até concordar com ele, em princípio, dado que Kardec mesmo, no Vocabulário Espírita, preparado para *O Livro dos Médiuns* (cap. XXXI), conceitua o perispírito, dizendo que “nos encarnados serve de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito”.

Interessante aspecto emerge neste ponto da doutrina de Swedenborg: é que, partindo de conceito correto, as implicações são também apropriadas e consideravelmente avançadas para a época (cerca de um século antes do advento da Doutrina dos Espíritos). Entendia o pensador sueco que certas doenças do corpo têm suas causas na alma, ou seja, em aspectos espirituais. Dessa maneira, sentimentos desarmônicos, como os de egoísmo e remorso “podem tornar-se patogênicos”. E da mesma forma que sugestões ou auto-sugestões mentais podem provocar distúrbios orgânicos, são capazes de suscitar efeitos curativos.

Neste mesmo sentido, encontramos, às vezes, expressões felizes em Geymuller, como esta:

“Se a alma é a causa formal ou a forma informante do corpo, o limbo é a causa instrumental ou a força morfogênica.”

Após a longa dissertação sobre o limbo, o livro de Geymuller oferece singularidade digna de nota. Poderíamos caracterizá-la, talvez, com certa força de expressão, como fratura ou cicatriz. Vejamos o que isto quer dizer.

* * *

Ao retomar o problema dos fenômenos de efeitos físicos, o autor faz uma chamada para longa nota de rodapé, na qual explica que o preparo do livro ficara interrompido durante dez anos, em consequência de problemas de saúde e de constantes deslocamentos seus. Sintomaticamente, lamenta o autor que a primei-

ra parte do volume haja sido impressa. Teria preferido, obviamente, uma reformulação do texto e não simples atualização, à vista de fatos e descobertas supervenientes. Entendia, contudo, que era melhor reimprimir o texto tal como se encontrava, ainda que “nada seja mais penoso para o amor-próprio de um autor do que deixar publicar obra na qual ele não possa corrigir as imperfeições”.

No meu entender, o leitor tem o direito de concluir que algumas modificações significativas ocorreram no pensamento do autor, ou, para ser mais específico, no seu posicionamento perante o pensamento de Swedenborg.

Parece tal suposição autorizada pelo fato de que o autor como que se justifica, invocando sua pouca idade à época em que a primeira parte do livro foi escrita, com “os defeitos inerentes a quase todas as obras de juventude”.

Lamenta, igualmente, o tom *confessional* que emprestara ao seu texto e chega mesmo a admitir ser “possível interessar-se por Swedenborg sem aceitar o seu sistema religioso”.

É certo, a seu ver, que o vidente sueco fala “como alguém que dispõe de autoridade” e “apresenta seus ensinamentos como revelação providencial, destinada a inaugurar nova forma de cristianismo, uma Nova Igreja cristã”.

Acha, contudo, que ele, Geymuller, poderia ter sido menos *apologético*. Realmente, seu texto, daí em diante, é mais sóbrio e até mesmo crítico. Sua aversão ao Espiritismo, não obstante, sobreviveu ao processo de reavaliação de idéias. Nesse ínterim, ele mergulhou fundo no exame de experiências recentes de Osty, Geley, Richet, Flammarion e outros. Manifesta seu respeito pelo Dr. Geley, embora discordando de certos aspectos de suas conclusões, mas prefere ficar ao lado do Prof. Flournoy, que colocou todo o seu reconhecido talento, competência e prestígio no esforço de demolir as bases científicas do Espiritismo, como se sabe. (Ao leitor interessado no trabalho do Prof. Flournoy recomendo o artigo “Das Índias ao Planeta Marte”, em *Reformador* de novembro de 1972).

* * *

Tendo examinado, de início, o “Espiritismo psíquico” e, em seguida, o “Espiritismo físico”, expressões essas inadequadas, a nosso ver, Geymuller resolve, na terceira parte de seu livro, estudar o “Espiritismo doutrinário”.

Confesso-me perplexo perante certas posturas do ilustrado Dr. Geymuller. Continuamos a encontrar em seu livro motivação para isso.

Começa ele por dizer que Swedenborg recomenda “cultivar nossa razão à luz das verdades espirituais, em vez de nos deixarmos influenciar pelas visões ou comunicações do outro mundo”.

Acontece, porém, que toda a filosofia religiosa de Swedenborg resulta precisamente desse intercâmbio com “o outro mundo”, maciçamente por meio de visões e comunicações.

Mas não é só isso, porque prossegue o autor, dizendo que:

“Por outro lado, a certeza científica da sobrevivência, ainda que possível, nada tem de comum com a fé na vida eterna. Esta pode salvar o homem, aquela jamais poderia fazê-lo.”

Do que depreendemos que continuamos reduzidos, no trato dos problemas espirituais do ser humano, a uma questão de fé salvadora e não de convicções sustentadas pelos dados da ciência. Para Geymuller, portanto, a comprovação científica da sobrevivência é, não apenas irrelevante, como prejudicial. O que importa é que a pessoa *creia* na sobrevivência. Do contrário, *não se salvará...*

Mas não é somente ao conceito da fé como condição salvífica que a doutrina swedenborguiana está presa, e sim a inúmeros, senão a todos os dogmas tradicionais, pois logo a seguir, Geymuller oferece mais um “argumento” que, a seu ver, leva à sumária rejeição do Espiritismo.

“O Espiritismo – escreve ele –, que se diz uma nova revelação, baseia-se na negação da divindade de nosso Senhor e rejeita sua Palavra. Ele repele a idéia da Redenção e faz do homem seu próprio salvador. Finalmente, ele ensina a doutrina antibíblica da reencarnação.”

Segue-se longo escrito sobre a reencarnação, ou, para ser mais preciso, *contra* a reencarnação.

É preciso dizer que Geymuller preparou bem seus deveres, o que se pode comprovar com a ampla bibliografia relacionada no fim do volume. Figuram ali obras de todos os eminentes pesquisadores e estudiosos mais significativos de sua época. Albert de Rochas é um deles, mas o autor não se deixa influenciar pelas experiências de regressão de memória, com as quais o eminente pesquisador demonstrou casos de reencarnação.

“... as pretensas reminiscências de vidas passadas – escreve Geymuller, à página 361 – devem-se à confusão das personalidades que se produz, uma vez que os espíritos sugestionam o homem segundo a própria memória deste.”

De nada valem, portanto, as pesquisas e demonstrações produzidas pela técnica de regressão da memória, porque, no entender de Swedenborg, os espíritos jamais se utilizam de seus próprios conhecimentos ou de suas lembranças, e sim do material que se encontra na memória dos seres encarnados.

Curiosamente, no caso da regressão, é isso mesmo que ocorre, ou seja, a pessoa encarnada posta em transe anímico pela hipnose ou magnetização tem acesso às suas próprias lembranças, arquivadas meticulosamente na memória integral. Não, porém, pelas supostas razões contidas na doutrina de Swedenborg. O Dr. Geymuller está vendo em tais experiências interferência espiritual externa, que, em realidade, não há.

Ademais, as técnicas de regressão, hoje amplamente difundidas e praticadas com êxito incontestável, inclusive por eminentes psicólogos e psiquiatras pelo mundo afora, continuam demonstrando inapelavelmente a realidade da doutrina da reencarnação.

Quando *O Livro dos Espíritos* informa, por exemplo, que o processo da evolução é progressivo e os espíritos jamais retrogradam, Geymuller surge com o seguinte comentário:

“Como conciliar (...) essa declaração com o fenômeno histórico da decadência das raças?”

Que decadência? Que será que o Dr. Geymuller entende por decadência racial?

De outras vezes, parece a doutrina do pensador sueco como que fixada em condicionamentos estritamente materialistas, como se pode depreender da seguinte observação de Geymuller:

“Quanto a admitir que o organismo espiritual que se reencarna muda de forma e de proporção, equivale a admitir também a aniquilação da personalidade do espírito. Tal modificação equivaleria, com efeito, em transformar um homem em outro, o que é impossível, porque “o homem é um órgão e sua essência interior é constituída por formas orgânicas, que não podem, de maneira alguma, ser ocupadas por formas orgânicas de outra pessoa, nem ser transformadas nas de outrem”.”

A citação de que Geymuller se serve para dar sustentação ao seu argumento é, naturalmente, de Swedenborg (*Diarium*). Com o que nos sentimos autorizados a concluir que o componente espiritual do ser está na inteira dependência de seu corpo físico. Isto, aliás, não se distancia, pelo contrário, aproxima-se, da formulação católica, que só admite a alma, na plenitude de seus recursos e potencialidades, ligada ao corpo físico que teve na Terra. Daí a doutrina da ressurreição que, no entender dos teólogos católicos, constitui condição prévia ao Juízo Final, dado que o corpo físico deve acompanhar a alma em seu destino.

Segundo a doutrina swedenborguiana, sendo o espírito humano “substância espiritual organizada” e apropriada para “receber a vida”, ele se propaga “segundo a lei comum da reprodução”, ou seja, por meio da emissão de “germes espirituais” que, uma vez adicionados à matéria, desenvolvem-se a ponto de produzir um ser humano. Daí a razão pela qual entende o pensador sueco que o homem é que *gera* a alma, enquanto a mulher apenas fornece os materiais necessários à formação do corpo físico.

É evidente, porém, que o Dr. Geymuller não se sente perfeitamente à vontade com as teorias de seu mestre, neste e noutros pontos, e começa a questioná-las. O problema da geração é um deles. Depois de declarar que tais teorias “são assaz complicadas e difíceis de apreender por aqueles que não estiverem bem familiarizados com as suas idéias filosóficas e fisiológicas”, confessa honestamente o seguinte:

“As teorias de Swedenborg teriam necessidade de ser complementadas nesse sentido, de vez que, à primeira vista, elas poderiam parecer irreconciliáveis com as últimas descobertas do domínio da hereditariedade. As coisas parecem, com efeito, *muito mais complicadas do que teria imaginado o sábio acadêmico de Estocolmo.*”

É evidente, portanto, que importantes aspectos da doutrina da Nova Igreja se chocam com as descobertas científicas, incapazes de resistir aos impactos da revelação tecnológica. Ou até se confirmarem nos achados das pesquisas, como acontece aos postulados espíritas, que Kardec, bravamente, e com toda convicção, expôs aos azares de futuras descobertas. Embora o Codificador tenha empregado o termo *dogma*, que me lembre, apenas em relação à doutrina da reencarnação, a verdade é que o Espiritismo não dogmatiza e até se propõe a modificar-se naquilo em que, porventura, viesse a ser contraditado pela ciência, o que não ocorreu em mais de um século.

Isto não acontece com Swedenborg, cujas afirmativas são lineares, conclusivas, irrecorríveis, pois ele as tem como fatos da natureza e não como preceitos sujeitos a confirmação ou a rejeição.

“A alma – escreve ele, sem condicionantes ou qualificações, em *A Verdadeira Religião Cristã* – encontra-se no sêmen do pai e se reveste de um corpo na mãe.”

“A mãe – diz alhures, no mesmo livro – não pode conceber a alma.”

Para Geymuller, contudo, um dos óbices mais sérios à aceitação da doutrina da reencarnação seria suscitado precisamente pelas complexidades do mecanismo da hereditariedade. Ora, com um pouco mais de atenção, Geymuller teria percebido que o Espiritismo concilia tais aspectos, traçando com nitidez cartesiana as delimitações entre o território regido pela genética puramente biológica e aquele em que imperam determinantes de natureza espiritual. Ou seja, há uma herança genética, biológica, física e outra espiritual. A primeira provinda dos pais; a segunda, do próprio espírito reencarnante. Mas isto Geymuller jamais

poderia aceitar, a não ser que se desbloqueasse dos dogmas que o impedem de admitir a premissa reencarnacionista.

Prefere ficar com Ribot, que declara enfaticamente que “*todas* as formas de atividade mental são transmissíveis: instintos, faculdades perceptivas, imaginação, aptidão artística, razão, aptidão para as ciências e estudos abstratos, sentimentos, paixões, energia de caráter, bem como as formas mórbidas: loucura, alucinação, idiotia”.

Não escapou nada. É tudo genético, tudo está na célula.

Ademais, Geymuller declara não ter a mínima idéia de ter vivido antes. Acha mesmo que a doutrina da reencarnação destrói o conceito da unidade da vida individual e que, em verdade, deveria chamar-se “doutrina das mortes sucessivas”.

Fiquei sem saber se ele quis fazer humor negro ou se recorreu a esse tipo de “argumento” por não ter coisa mais substancial a dizer. Ao que parece, ele acha que a doutrina da reencarnação não é lá coisa muito séria, ou seja, algo assim como uma pilhéria, obviamente de mau gosto. Acha-a também, imoral (!), como se lê no bloco seguinte de seu livro. Vê, ainda, complicações insuperáveis entre a reencarnação e o conceito do livre-arbítrio, quando ela é, precisamente, a solução inteligente, lógica e incontestável na decisão para o velho dilema livre-arbítrio/determinismo.

Mas, vimos há pouco que Geymuller parece, na segunda parte de seu livro, questionar alguns aspectos da doutrina de seu mestre. Vejamos isso mais de perto, tal como se acha posto à página 223:

“As idéias básicas de Swedenborg – escreve ele – apresentam interesse incontestável e projetam vivas claridades sobre a constituição íntima de nosso ser físico. A aplicação prática de tais idéias oferece, por outro lado, questões de detalhes que freqüentemente nos parecem menos felizes. Com efeito, ela não é sempre de um rigor absoluto e propicia, às vezes, espaço a equívocos. O mínimo que se pode dizer é que ela é prematura em certos aspectos. Os argumentos metafísicos de nosso autor são excelentes; os princípios gerais de seu sistema não o são menos;

mas a pessoa dotada de espírito crítico ficará chocada ao verificar como é freqüente Swedenborg *imaginar* a existência de certos fenômenos ou realidades, simplesmente porque tal existência lhe parece exigida por uma necessidade inerente aos princípios apriorísticos que servem de base ao seu raciocínio.”

Estamos aqui em momento de singular lucidez da parte de Geymuller. Dificilmente se poderia melhorar ou tornar mais dramática sua severa crítica à metodologia adotada por Swedenborg na formulação da sua complexa doutrina filosófico-religiosa. O que nos deixa estupefatos é a verificação de que isto não parece ter sido suficiente para mudar sensivelmente a postura de Geymuller com relação ao pensamento de seu mestre. Não sei como pode o autor justificar com tanta veemência sua adesão a princípios ideológicos que oferecem dificuldades práticas de tamanho vulto, tanto quanto a outros mais, que se apóiam em fenômenos *imaginados* aprioristicamente pelo pensador sueco.

* * *

Restava-me, neste ponto, uma curiosidade a satisfazer: que razões teriam levado pessoas como Helen Keller à aceitação das doutrinas de Swedenborg?

Acho que podemos encontrar a resposta no livro que a eminente escritora cega-surda-muda escreveu sob o título *My Religion*.¹⁷

No seu dramático e comovente depoimento, Helen Keller narra o ponto culminante de suas experimentações, aquele a partir do qual mudou, para ela, o sentido da vida e do mundo.

Anne Sullivan, sua incansável e devotada professora, estava com ela há um mês apenas e já lhe ensinara o nome de vários objetos. Ela os punha nas mãos da menina e soletrava, nos dedos, a palavra correspondente. Helen confessa, contudo, não ter a mínima idéia do que estava fazendo. Ao escrever seu depoimento, publicado pela primeira vez em 1927, quando ela contava 47 anos de idade, declara não saber o que pensava naqueles momentos.

– Tinha apenas a memória táctil de meus dedos em movimento, mudando de uma posição para outra.

Um dia Anne Sullivan colocou nas mãos dela uma xícara e soletrou o nome. Em seguida, derramou um pouco d'água nas mãos da menina e também soletrou a palavra: w-a-t-e-r (água). Hellen parecia confusa e não conseguia distinguir uma palavra da outra. Acabou nervosa ante a sua impotência. Anne, igualmente aflita, insistia em repetir exaustivamente o processo de soletração das duas palavras: *xícara* e *água*. Acabou tentando a solução mais dramática. Guiou a menina até à bomba de água, lá fora, e fê-la segurar a xícara debaixo da bica. E começou a bombear a água. Com a mão livre, continuou a soletrar a palavra *água*. Helen mantinha-se em estado de tensão, fixada na sensação da água a escorrer pelas suas mãos e na palavra que Anne lhe transmitia pelo tato.

“De repente – escreve ela – senti estranha agitação dentro de mim, uma nebulosa consciência, *sensação de algo de que eu me lembrava. Foi como se eu voltasse à vida depois de ter estado morta!* Compreendi que aquilo que minha professora estava fazendo com meus dedos significava aquela fria coisa que escorria pela minha mão, e que era possível comunicar-me com outras pessoas através daqueles sinais.”

Destaquei no seu texto as palavras que parecem indicar vagas sensações de remota vivência, antes da existência atual, ou seja, de outra vida.

A experiência assumiu as proporções de uma revelação. Naquele mesmo dia ela aprendeu trinta palavras novas, com perfeita consciência da conexão desses termos com os objetos concretos que Anne lhe punha às mãos.

Hellen Keller utiliza-se desse episódio dramático, comovente e decisivo em sua vida para modelar a sua não menos importante experiência com a doutrina de Swedenborg. Em seu livro, ela não mergulha fundo nas complexidades da doutrina do vidente sueco; limita-se a relatar sua experiência pessoal com ela.

Sempre tivera suas dificuldades com os conceitos tradicionais acerca de Deus e dos mistérios da vida. Achava tocante a história pessoal do Cristo, sempre dedicado a curar os enfermos, confortar os aflitos, restituir a luz a olhos cegos (como os seus...), mas

“como poderia eu adorar três pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Não era isto aquela espécie de falso culto tão severamente punido nos dias do Antigo Testamento?”

Swedenborg lhe oferecia a imagem de um céu que não era “simples coleção de idéias radiantes, mas um mundo prático, onde se podia viver”.

A grande mensagem encontrada por Helen Keller nos livros do vidente sueco foi a da sobrevivência do ser, ou seja, a de que “a morte não é o fim da vida, mas apenas uma de suas mais importantes experiências”.

Isto lhe bastava. A vida tinha sentido, era continuidade, mais do que mera esperança.

* * *

Seria impraticável num papel como este, no qual pretendemos apenas apresentar um quadro sumário das especulações básicas de Swedenborg, ampliar aspectos específicos. Julguei, contudo, oportuno selecionar um único relato em que o vidente sueco descreve seu encontro, em desdobramento, com três dos mais destacados reformadores: Lutero, Melanchthon e Calvino.

Segundo ele, ao chegar ao mundo espiritual, Lutero foi “ardente pregador e defensor de seus dogmas”. Deram-lhe uma casa, semelhante à que possuía em Eisleben e ali ele falava continuamente às pessoas que iam visitá-lo. Espertamente, ele colocava mais junto de si aqueles que lhe eram favoráveis e mais distanciados os menos favoráveis. Dentro em pouco, deixou ele “impregnar-se da Persuasão”. Explica o autor que a “persuasão é de uma tal eficácia que ninguém pode resistir, nem falar contra o que é dito; mas como é uma espécie de encantamento posto em uso pelos antigos, foi-lhe seriamente interdito de falar daí por diante por esta Persuasão”.

Quanto a Melanchthon, a situação fora bem mais grave. Swedenborg declara que não apenas obteve suas informações dos anjos, mas do próprio Melanchthon, com quem teria conversado pessoalmente por mais de uma vez. O pobre teólogo estava em situação tão precária que não podia aproximar-se do visitante (Swedenborg), primeiro porque se havia dedicado apenas ao

estudo da justificação pela fé, sem cuidar da caridade, e segundo porque o vidente desdobrado apresenta-se “cercado de espíritos angélicos que estavam na Caridade e estes impediam seu acesso perto de mim”.

Ora, quem conhece pouco que seja da História da Reforma Protestante, sabe que Melanchthon nunca foi partidário entusiasmado da doutrina da justificação pela fé. Ensinava-a por dever de solidariedade e fidelidade a Lutero, seu amigo, que a formulara, mas ficou bem claro em seus escritos que sua dificuldade estava precisamente em que, no seu entender, havia certo conflito entre a justificação pela fé e o exercício da caridade insistentemente pregada pelo Cristo e pelos seus seguidores imediatos. Ou, em linguagem pauliniana, a velha dicotomia fé e obras.

Ao que declara ainda Swedenborg, era tal o estado de perturbação de Melanchthon-Espírito que ele nem sabia que havia morrido e, ao chegar ao mundo espiritual, vendo diante de si uma réplica de seu gabinete de trabalho na terra, pôs-se a escrever sobre a “justificação e nada absolutamente sobre a Caridade”.

Questionado a respeito disso pelos “anjos”, teria respondido que nada havia da Igreja na caridade, “pois se a caridade fosse recebida como atributo essencial da Igreja, o homem se atribuiria também o mérito da justificação e, por conseqüência, da salvação, e por isso, também privaria a fé de sua essência espiritual”.

Depreende-se do obscuro texto de Swedenborg que havia dois grupos de anjos por ali: uns que estavam acima da cabeça de Melanchthon e os que “lhe haviam sido associados quando ele estava fora de sua casa”, e que se retiraram, talvez pela rebeldia do seu protegido em falar sobre a malfadada justificação.

Algumas semanas depois de abandonado pelos seus anjos, “as coisas que estavam a seu serviço, no quarto, começaram a se obscurecer e, por fim, desapareceram a ponto de não restar mais nada além da mesa, do papel e do tinteiro”. Ao mesmo tempo, as paredes pareciam rebocadas de cal, o assoalho rústico e coberto de tijolos amarelos, enquanto a roupa do teólogo aparentava ser mais grosseira. Perplexo ante as alterações do ambiente e em si

mesmo, Melanchthon teria perguntado a razão daquilo e a resposta foi a de que ele havia “expulsado da Igreja a caridade”.

A despeito disso, Melanchthon continuou obstinadamente a escrever sobre a justificação pela fé e a repelir a caridade, com o que foi removido, sem saber como, para uma prisão subterrânea, onde encontrou outras pessoas igualmente fixadas na idéia de justificação. Disseram-lhe que dali não poderia sair porque aquela era a sorte dos que excluem a caridade e as boas obras do contexto eclesiástico. Em consideração, porém, à sua posição como um dos destacados Reformadores, foi dali retirado por ordem expressa do Senhor (Deus/Jesus). De volta ao seu quarto de trabalho, contudo, continuou teimosamente a escrever sobre a justificação pela fé e, não obstante a interferência pessoal de Deus, viu-se despachado novamente para a masmorra subterrânea. De lá conseguia sair, às vezes, e quando visto fora da prisão, apresentava-se vestido com um manto de “pelos eriçados”, porque, fiel à sua doutrina das correspondências, Swedenborg informa que “a fé sem caridade é fria”.

A aflitiva situação do obstinado teólogo somente mudou quando, “tomado de medo”, começou a escrever, finalmente, algo sobre a caridade, mas nem isso resolveu, porque tudo quanto escrevia durante o dia desaparecia à noite, dado que “não escrevia com convicção”.

A essa altura, ocorreu portentoso evento: “o Novo Céu começou a ser instaurado pelo Senhor”, ou seja, Swedenborg deu início à sua missão apostólica e Melanchthon começou a admitir que talvez ele estivesse mesmo em erro quanto à funesta doutrina da justificação pela fé. Consultou, então, o texto evangélico e decidiu-se, finalmente, a escrever algo sobre a caridade. Só então foi removido dali para “o Meio Dia, perto do Ocidente, e assim para uma outra casa”, de onde falou ao visitante, para informar que seus escritos sobre a caridade não mais desapareciam, porque as idéias que expunha agora vinham “do homem interno”.

Antes de concluir seu estranho relato, Swedenborg sente necessário acrescentar que, enquanto Melanchthon se encontrava perturbado, a escrever desvairadamente sobre a justificação, e alguns recém-chegados da Terra procuravam-no para conversar,

“ele chamava a si um desses espíritos mágicos que, por fantasias podiam produzir diversas aparências decentes”, que se incumbia de redecorar o cômodo em que trabalhava o teólogo, produzindo ornamentos, tapetes e rosáceas e até uma biblioteca-fantasma. Mas era tudo fantasia para impressionar os visitantes, porque, tão logo estes se retirassem, o quarto voltava à sua aparência de abandono e desconforto.

Esse incrível relato pode ser lido na íntegra no volume 2 de *Verdadeira Religião Cristã*, páginas 298 e seguintes, na tradução brasileira publicada em 1964, pela Freitas Bastos, Rio de Janeiro.

Não creio necessário comentar *in extenso* o relato de Swedenborg, por entender que ele fala por si mesmo, com inaceitável e incongruente fantasia, resultante de lamentável envolvimento do vidente com espíritos que, infelizmente, abusaram sem piedade de sua boa-fé.

Parece, contudo, oportuno confrontar o escrito do vidente sueco com o informe que Emmanuel (não o Swedenborg, naturalmente) transmitiu por intermédio de Francisco Cândido Xavier, em *A Caminho da Luz*,¹⁸ páginas 158 e 159:

“A essas atividades reformadoras (suscitadas no Renascimento) não poderia escapar a Igreja, desviada do caminho cristão. O plano invisível determina, assim, a vinda ao mundo de numerosos missionários com o objetivo de levar a efeito a renascença da religião, de maneira a regenerar os seus relaxados centros de força. Assim, no século XVI, aparecem as figuras veneráveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melanchthon e outros vultos notáveis da Reforma, na Europa Central e nos Países Baixos.”

Dos citados por Emmanuel como respeitáveis figuras espirituais, três – Lutero, Melanchthon e Calvino – Swedenborg teria encontrado em lamentáveis condições de desequilíbrio mental, o que não faz o menor sentido.

Se Melanchthon purgava pela sua insistência na doutrina da justificação pela fé, pior situação era a de Calvino, que, segundo Swedenborg, teria ficado no mundo espiritual como verdadeira alma penada, errando daqui para ali, preso obstinadamente à “execrável heresia da predestinação”.

Calvino teria sido outro que não se convencera de estar morto, dado que ainda dispunha de corpo que lhe parecia sólido. Embora instruído pelos “anjos”, recaiu na situação anterior e “isso provinha de ser ele homem sensual, não crendo senão naquilo que tirava dos objetos dos sentidos do corpo” e também porque todos os dogmas de fé por ele formulados foram elaborados pela inteligência, sem jamais recorrer à Bíblia. Os textos bíblicos, segundo Swedenborg, foram citados apenas para ganhar apoio do povo.

Interessado em saber onde estariam outros “hereges” como ele, que ensinaram a perniciosa doutrina da predestinação, foi informado de que se achavam “longe dali, encarcerados e cobertos por cima, e que não há entrada para eles senão pela porta de trás, sob a terra”.

Seja como for, ele conseguiu localizar um grupo, creio que nômade, de tais hereges e associou-se a eles por algum tempo, mas, a certa altura, retirou-se para uma casa de prostitutas.

Em debate pessoal com Calvino, Swedenborg teria mantido acirrada discussão, tão veemente que os “anjos” se viram na contingência de lhe “fecharem” os lábios. Irritado com sua obstinação, Swedenborg lhe teria dito:

– Retira-te, espírito mau. Não sabes, pois, que estás no mundo espiritual, que há um céu e que há um inferno e que a predestinação envolve isto, que uns foram inscritos para o céu e os outros para o inferno?

Em suma: um horror! Ainda mais que, a respeito de Calvino, Swedenborg não menciona qualquer espécie de recuperação, como no caso de Melancthon.

* * *

Em fevereiro de 1961 um livro intitulado *Herein Know Thyself*,¹⁹ publicado sob a responsabilidade da médium inglesa Stella Myers, me veio ter às mãos. Sem data de publicação, mas certamente posterior a 1956 (traz uma dedicatória a George William Sharpe, falecido em setembro desse ano), a obra divide-se em duas partes distintas. Na primeira, a médium narra suas experiências pessoais com uma entidade espiritual à qual havia prome-

tido, em março de 1943, não guardar egoisticamente para si mesma os ensinamentos que lhe seriam transmitidos pelo espírito. Na segunda parte a própria entidade escreve, por psicografia, um estudo ao qual deu o título de *The True Jesus* (O Verdadeiro Jesus).

No decorrer de todo esse tempo em que o livro foi elaborado – impraticável avaliar a duração por causa da ausência de datas – o espírito não quis identificar-se. Para facilidade de referência, a médium resolveu atribuir-lhe o designativo *Mentor*. Somente depois de pronta e impressa a obra, ele resolveu revelar sua identidade, que a Sra. Myers fez constar da contracapa do livro. Era Emanuel Swedenborg o nome dado.

Com base nesse livro, escrevi uma série de três artigos, que *Reformador* publicou em seus números de agosto, setembro e outubro de 1961, sob o título genérico de *Uma revisão nos ensinamentos de Swedenborg*. É que o trabalho publicado pela Sra. Myers trazia uma conotação de retificação, ainda que, a meu ver, admitindo-se como autêntica a identidade do espírito comunicante, alguns equívocos persistiam na filosofia religiosa do eminente autor espiritual.

Por essa e outras razões, encerrei aquele estudo em tom dubitativo, nos seguintes termos:

– Sobre o livro em si, não sei que conclusão oferecer ao leitor. Na minha opinião, se é que a Sra. Stella Myers nos transmitiu fielmente o pensamento de Swedenborg, esse brilhante Espírito ainda fará outras revisões nos seus ensinamentos.

Não há dúvida, contudo, a despeito dessas ressalvas, que se trata de trabalho digno de atenção e respeito. Parecera-me, também, aceitável a identidade do espírito manifestante, a julgar pelas minuciosas observações da médium e pelo que se conhece da obra do vidente sueco. É de supor-se, ademais, que ele estivesse mesmo desejoso de uma oportunidade de reavaliação e reposicionamento.

Nesse sentido, havia ditado a George William Sharpe – a quem o livro de Myers é dedicado postumamente, como vimos – o seguinte texto:

– Estou no gozo da liberdade de que todos podem usufruir, a liberdade de progredir e de expressar-se, e por seu intermédio espero indicar os erros que cometi quando na carne, na Terra. Muitas das declarações que hoje faço não as poderia ter aceitado *durante minhas existências passadas e nem mesmo depois de meu regresso à vida espiritual*, pois não havia razão alguma para pensar que eu estivesse errado em minhas crenças terrenas. Quando o despertar ocorre, acode-nos a idéia de rever as velhas concepções e, então, o que era incorreto é percebido.

Nessa honesta e reveladora confissão, destaquei duas evidências que me pareceram relevantes: em primeiro lugar, que, ao contrário do que pregou, Swedenborg mostrava-se, agora, convicto da doutrina das vidas sucessivas, e em segundo, que, mesmo de volta ao mundo espiritual, após a desencarnação, ainda persistiu em equívocos mais ou menos sérios.

Procurei evidenciar no artigo para *Reformador* que, no meu entender, o espírito ainda mantinha pontos de vista discutíveis, em confronto com a cristalina luminosidade da Doutrina dos Espíritos. É indubitável, contudo, que se apresentava, no estudo feito através da mediunidade da Sra. Myers, em posição notavelmente mais lúcida e que praticamente invalida a obra que deixara escrita como Swedenborg.

Não me proponho reproduzir aqui ou sequer resumir o trabalho publicado em *Reformador*. Será preferível que o leitor interessado vá diretamente à respeitável publicação da FEB, ano de 1961, como vimos. De certa forma, não obstante, fiquei devendo ao leitor, àquela época, um comentário sobre a segunda parte do livro, a que se propõe fazer um relato sobre “o verdadeiro Jesus”. Creio chegado o momento de resgatar aquele implícito compromisso.

* * *

A iniciativa desse relato não partiu do espírito manifestante, e sim de solicitação da médium, desejosa de conhecer versão tão autêntica quanto possível sobre a vida e os ensinamentos de Jesus.

Grande foi sua surpresa quando o mentor lhe disse que, mesmo no mundo espiritual, várias eram as versões da história de Jesus e que ele próprio (Swedenborg) não estava bem informado a respeito, mas que, à vista do manifesto interesse dela, iria pesquisar diretamente com entidades espirituais que haviam conhecido pessoalmente a Jesus. Discretamente, o espírito preferiu não identificar tais entidades, mencionando apenas uma delas: José de Arimatéia.

A pesquisa, segundo ele, implicava “inconcebível quantidade de estudo (...) e ampla investigação”, mas que ele estava disposto a empreendê-la, em atenção ao pedido da médium. Advertia mais – o que me pareceu louvável – que “pouco importam os detalhes de seu nascimento; o que deve ser levado em conta é a vida espiritual de Jesus”, ou seja, sua exemplificação e seus ensinamentos.

A essa altura do relacionamento do espírito manifestante com a Sra. Myers, desenvolvera-se melhor afinação mediúnica e o mentor estava já em condições de escrever, ele próprio, por psicografia, as informações que desejava passar à médium, o que antes era feito com os recursos da chamada clariaudiência (termo com o qual tenho alguma implicância).

Por conseguinte, o texto, que ocupa cerca de 50 páginas do livro, é de autoria do espírito manifestante, que se identificaria mais tarde como sendo Swedenborg, e não da médium, como na primeira parte.

É um relato cauteloso e, ao mesmo tempo, corajoso, no sentido de que apresenta com serenidade seus informes, mas não hesita em rejeitar aquilo que, no seu entender, não corresponde à realidade dos fatos, segundo ele teria apurado na espiritualidade.

Com honesta franqueza, diz logo de início que “várias narrativas constantes do Novo Testamento foram inventadas, a fim de dar mais vida a certos traços do caráter de Jesus” e que, quanto aos seus ensinamentos, “muitos escritos acerca de suas palavras foram distorcidos e exagerados”.

Nada existe, segundo o autor espiritual, de extraordinário no processo de nascimento de Jesus, que teria obedecido “às leis comuns da natureza”.

– Ele foi filho de José, o carpinteiro de Nazaré, e de Maria, sua esposa.

Não há evidência de qualquer evento miraculoso em torno desse nascimento, ocorrido em Nazaré e não em Belém. O autor questiona, ainda, o massacre dos inocentes, que caracteriza como “desconhecido da história”, o que, aliás, não quer dizer que não tenha ocorrido somente porque a história o ignora.

A certa altura, antes de discorrer mais especificamente sobre a questão do nascimento virginal, o autor espiritual faz uma pausa para formal declaração pessoal.

– Ao transmitir-lhe esta história – escreve ele –, desejo que você compreenda que muitas idéias expressas por mim em passadas existências não estarão em concordância com as que ora exponho, a partir das experiências pelas quais passei; cada fase de entendimento traz novas revelações, mais amplo conhecimento e mais profunda sabedoria.

Passando, a seguir, ao tema do capítulo – o nascimento virginal –, lembra o espírito que Marcos, Pedro, Paulo e João – ele apresenta o nome de João entre aspas, certamente por considerá-lo não o autêntico autor do texto – não revelam conhecimento desse possível aspecto do nascimento de Jesus. Ao contrário, Paulo refere-se a Jesus, como “nascido de mulher, nascido sob a lei” e “nascido da semente de Davi, segundo a carne”. O Quarto Evangelho, por sua vez, não somente se refere a Jesus como filho de José, mas informa que mesmo os seus seguidores assim se referiam a ele. E para quê reproduzir a genealogia de José, segundo se lê em Mateus, a fim de demonstrar que Jesus descende de Davi, se Jesus não fosse filho de José?

* * *

Em contraste com as doutrinas que deixou minuciosamente expostas em suas obras, o espírito entende Jesus como “um gênio religioso”, em perfeita ligação com Deus, não, porém,

segunda pessoa da trindade e sim “um ser augusto que se fez homem”.

O problema da preexistência de Jesus somente pode ser entendido no sentido de que todos os seres humanos preexistem.

Pouco adiante, nesse mesmo capítulo, uma belíssima declaração:

– O Galileu é grande demais para as nossas pequenas mentes e nossas palavras.

E prossegue:

– As discussões teológicas acerca de Jesus e as especulações em torno de sua divindade têm levado muitos homens e mulheres ao abandono da religião e a tornarem-se definitivamente hostis às religiões organizadas. Muitos desses estão agora começando a entender melhor a vida de Jesus através de uma abordagem *humana* à questão.

Acho igualmente justa e oportuna essa observação. Um espírito muito amado e muitíssimo ligado a mim por antigos e puríssimos laços afetivos, me transmitiu mediunicamente observação semelhante. Educado na religião católica, manteve-se fiel até o fim às suas crenças e dogmas, entre os quais avulta o da divindade do Cristo. Agora, porém, do mundo espiritual, me escreve assim:

– Em meus silêncios, conversava com Jesus, tentando compreender-lhe os desígnios e obedecer-lhe a vontade. Agora sei que ele não é Deus, mas agora também o sinto mais junto de meu coração, mais real. Contudo, não tive dificuldade de encontrar-me na nova realidade, porque minha fé, embora simples e sem atavios, era sincera e profunda. Aprendo agora que, para Jesus, não há santos nem pecadores, mas todos são irmãos a caminho da elevação.

* * *

Retomando o relato de responsabilidade mediúnica da Sra. Myers, observamos que o espírito manifestante, se não transmite informações com o objetivo de preencher o claro dos chamados “anos silenciosos” na vida de Jesus, também não faz especula-

ções fantasiosas, como costuma acontecer, limitando-se a observações que compõem quadro aceitável da existência de uma família em Nazaré, que ele insiste em qualificar como *cidade natal* de Jesus. Ao mencionar a família, acrescenta que o Mestre teve quatro irmãos e duas irmãs e que a “outra” Maria, irmã de sua mãe, casada com Cleofas, teve seis filhos, quatro dos quais homens, com nomes idênticos aos irmãos de Jesus. Observa, ainda, o espírito que os irmãos de Jesus foram hostis a ele, no princípio, e mais tarde se converteram às suas idéias, do que, aliás, nos dá testemunho o texto evangélico.

Quanto às observações do espírito acerca das chamadas “tentações” de Jesus, não consigo aceitá-las. Tenho com elas antigas dificuldades, ainda não resolvidas. Não me parece que um ser da estatura evolutiva de Jesus estivesse sujeito a tentações. No estudo de minha autoria a respeito, acho que o texto foi escrito posteriormente para introduzir nos evangelhos encaixes para certas profecias acerca do prometido Messias bíblico. Sem espaço para desdobrar aqui o assunto, de novo remeto o leitor ao livro em que esse e outros problemas do Cristianismo primitivo são tratados com mais vagar.

Swedenborg-espírito entende, ao contrário, que as tentações de fato ocorreram, dado que, a seu ver, a mente de Jesus sofria, às vezes, a influência de “elementos subalternos de sua natureza”.

Discordo fundamentalmente dessa postura.

Também não me pareceu adequada e convincente a abordagem do autor ao diálogo de Jesus com Nicodemos sobre a reencarnação. Estamos sabendo que o espírito está plenamente consciente da autenticidade da doutrina das vidas sucessivas, mas ele se limita a breve comentário – em que não menciona a reencarnação – à passagem em que Jesus declara que, a não ser que o homem nasça de novo, não verá o Reino de Deus. Em vez de *nascer de novo*, o espírito prefere *nascer do alto*. Esta tradução, dizem os eruditos lingüistas especializados, também é autorizada à vista dos originais, mas não há como aceitá-la, dado que não se adapta ao contexto em que é aplicada a expressão. O termo correto aqui é mesmo nascer *de novo*. Do contrário, não

faria sentido a nova pergunta de Nicodemos, que se mostra perplexo ante a idéia de uma criatura, já velha, entrar de novo no ventre de uma mulher para renascer.

Parece-me correta a postura do autor espiritual no problema do milagre, que é considerado não como derrogação de leis naturais, como querem os teólogos, mas revelação “da amplitude e riqueza das leis” divinas.

É igualmente certo, como informa o espírito, que Jesus mostrava-se relutante em realizar os chamados milagres, pois não desejava passar por mero milagreiro, o que colocaria em segundo plano o verdadeiro sentido de sua mensagem. Por isso, recomendava, às vezes, que os miraculados nada dissessem a ninguém, a não ser em casos especiais, como os de lepra, em que a pessoa precisava submeter-se ao ritual religioso da época, a fim de reintegrar-se na sociedade, da qual fora expulso em razão da doença.

Considero também admissível a observação do autor espiritual acerca do episódio conhecido como “milagre da multiplicação dos pães e peixes”. Diz ele que, tanto quanto lhe foi possível depreender das suas pesquisas e de “muitas perguntas” formuladas a “muitas pessoas”, o episódio é um tanto lendário, gerado a partir do fato de que “vastas multidões seguiam Jesus por toda parte, despreocupadas de fome e sede, na ânsia de ouvi-lo”.

Sob esse mesmo ângulo racionalista é apreciado o fenômeno da debanda dos porcos, resultante da dramática cena de expulsão de espíritos desarmonizados. Acha o autor que alguns porcos, mais próximos do local, sentiram instintivamente a presença maléfica e, assustados, levaram toda a manada a precipitar-se despenhadeiro abaixo.

Igualmente interessantes são as observações acerca da cura da lepra, que o espírito acredita ter sido de natureza psíquica.

– Jesus – escreve ele – infundiu no leproso, em palavras e atos, a confiança de que ele podia curar-se. Tocou o leproso para mostrar-lhe que não temia o contágio e que, de fato, não havia perigo de infecção.

Com esses recursos psicológicos e magnéticos, ele “liberou o homem da idéia fixa de que o mal era incurável”.

– Penso – diz o espírito, para concluir – que, na verdade, Jesus realizou um milagre no espírito do homem, o qual, reagindo sobre seu corpo, produziu a cura.

Quanto a mim, vejo aí forte componente magnético – o toque das mãos do Cristo – como importante elemento, mas isso não invalida de todo a formulação do espírito manifestante.

Sobre Lázaro, entende ele que o espírito ainda estava preso ao corpo e Jesus chamou-o de volta. Acha, também, que a informação de que vários dias se haviam passado e o corpo já se decompunha é inverídica, tendo sido acrescentada para dar maior vigor ao episódio, pois fazia apenas algumas horas que o jovem havia falecido.

Nessa mesma linha de racionalidade, o espírito declara inaceitável a cena em que Jesus teria caminhado, em seu corpo físico, sobre a água. Pelo que lhe foi informado, Jesus se encontrava adormecido em um barco, sob a vigilância de uns poucos discípulos, quando foi visto, por outros, a caminhar, desdobrado, em seu corpo espiritual tornado visível.

Não lhe parece aceitável, ainda, o episódio de Caná, no qual Jesus teria transformado água em vinho. Isto lhe parece “falso e contrário ao espírito de Jesus”, em total dissonância com os outros milagres que ele praticou e com a sua própria filosofia de vida.

Singular é, também, a interpretação do espírito ao dramático episódio da chamada traição de Judas. Segundo o narrador, não houve *negociação* entre Judas e os sacerdotes. O apóstolo tinha um relacionamento qualquer com uma jovem, filha de um dos sacerdotes, e estava tão seguro dos poderes de Jesus, depois de vê-lo praticar tantos feitos extraordinários, que não tinha dúvida de que ele se livraria facilmente de qualquer agressão ou ataque. Suas palavras aos sacerdotes nesse sentido foram a expressão de uma bravata, para que também eles se convencessem de que Jesus dispunha dos poderes exigidos para um rei ou messias. Grande foi sua decepção, por isso, ao verificar a dura realidade

que, no seu bem-intencionado desafio, ele “traíra sangue inocente”.

Adverte, contudo, o narrador que o episódio não foi gerado a partir de mero acaso, pois estava no contexto da missão de Jesus, que se recusou a assumir o papel do Messias belicoso que as profecias indicavam.

São igualmente corretas, a meu ver, as observações do autor espiritual acerca da ressurreição.

– Após longas e sérias meditações – escreve ele –, acho que Jesus não disse aos seus discípulos que após três dias ele se levantaria de entre os mortos com o seu corpo físico.

Na verdade, as aparições póstumas do Mestre ocorreram em seu corpo espiritual “revestido de ectoplasma”.

A seu ver, toda a dificuldade em entender e aceitar os fenômenos da chamada ressurreição provém da insistência dos textos em desejarem demonstrar, por todos os meios possíveis, que o corpo era o mesmo que foi crucificado, ou seja, o corpo físico.

Estou de acordo com o autor espiritual nesse ponto. Só acho que ele não precisaria ter pensado tanto no assunto. Bastaria ter lido com atenção o Capítulo 15 da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, onde o problema da ressurreição é colocado com meridiana transparência e objetividade. E mais uma vez me vejo na contingência de remeter o leitor ao meu já citado livro, em que o assunto é tratado.

Em suma, ainda que suscetível, a meu ver, de alguns reparos, à vista das informações de que dispomos hoje, parece-me aceitável, no seu todo e, em princípio, o relato do espírito que se identifica como Swedenborg acerca de Jesus. É elogiável sua postura de que importam mais o entendimento e a prática do que ele nos ensinou do que os detalhes controversos da sua biografia pessoal e das condições de seu nascimento.

* * *

Mas, é preciso colocar um ponto final neste estudo.

Para resumir e concluir, entendo que Emanuel Swedenborg deve ser, com justiça, considerado um precursor na divulgação

dos *fenômenos* que constituem objeto do Espiritismo. Foi quem primeiro discorreu com autoridade sobre as condições de vida no mundo póstumo, levando muitas pessoas à consoladora convicção na sobrevivência do ser à morte corporal. Também demonstrou com suficiente credibilidade, a viabilidade do intercâmbio com os seres encarnados, ainda que ele próprio não tenha tirado disso o desejável proveito. Suas observações acerca do *limbo* (equivalente ao perispírito, na terminologia kardequiana) são pertinentes e pioneiras.

Quanto aos aspectos *doutrinários* do Espiritismo, contudo, suas especulações são inaceitáveis e nada têm a ver com a lúcida Doutrina dos Espíritos, com a qual se choca frontalmente em aspectos relevantes como a questão fundamental das vidas sucessivas.

Sobre as questões teológicas que, a rigor, não dizem respeito especificamente ao Espiritismo, mas às instituições dogmáticas tradicionais, suas observações apresentam-se eivadas de fantasias, suposições, dogmas e teorias que não resistem a uma análise crítica, mesmo elementar.

Resume-se seu enorme esforço intelectual numa tentativa frustrada de reformular as teologias tradicionais, as quais seriam suplantadas pela nova relação suscitada por suposta segunda vinda do Cristo à Terra, tudo isso intermediado por Swedenborg.

O Cristianismo não saiu restaurado das elucubrações do ilustre sábio sueco, como ele desejava e supôs, e sim carregado de novas e dramáticas deformações.

Não passou tudo isso de lamentável e desastroso processo de envolvimento e fascinação que vitimou um homem bom, cultíssimo, dotado de prodigiosa inteligência e de raras virtudes humanas. Orientado por espíritos de elevada condição evolutiva, Swedenborg teria produzido uma obra estupenda, dado que dispunha, para isso, de todas as condições intelectuais, éticas e espirituais. Habilmente manipulado por espíritos ardilosos, que exploraram impiedosamente sua boa-fé (e, quem sabe, alguma vaidade residual), foi induzido à formulação e à propagação de

uma doutrina fantasiosa que alcança, não raro, as fronteiras do ridículo.

As reflexões transmitidas por intermédio da Sra. Stella Myers seriam um passo a mais na direção do trabalho de revisão e reavaliação que ele parece ter imposto a si mesmo.

Encerremos, pois, este papel com uma palavra de respeito e admiração pelo eminente espírito, que, certamente, muito terá ainda a dizer de suas experimentações pessoais com a verdade.

Bibliografia

- DURANT, WILL – *Rousseau and Revolution*, Simon & Schuster, 1967, New York
- WILSON, COLLIN – *The Occult*, Mayflower Books, 1976, Frogmore, Inglaterra
- GEYMULLER, HENRY DE – *Swedenborg et les phénomènes psychiques*, Ernest Leroux, 1921, Paris
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, Ed. 1963, verbete *Swedenborg*
- SWEDENBORG, EMANUEL – *A Verdadeira Religião Cristã*, Freitas Bastos, 1964, Rio de Janeiro (Trad. francês/português de J. M. Lima)
- PODMORE, FRANK – *Mediums of the 19th Century*, University Books, 1963, New Hyde Park, New York
- CONAN DOYLE, ARTHUR – *História do Espiritismo*, Trad. Júlio Abreu Filho, Pensamento, 1960, São Paulo
- CLAPHAM, ARTHUR – in *Encyclopaedia Britannica*, verbete *Swedenborg*
- MIRANDA, HERMÍNIO C. – *A Diversidade dos Carismas – Teoria e Prática da Mediunidade*
- VIEIRA, WALDO – *Projeciologia*, Edição do Autor, 1986, Rio de Janeiro
- REVISTA ESPÍRITA – Trad. Júlio Abreu Filho, Edicel, São Paulo, Ano II, Novembro de 1859, nº 11, pág. 332-339
- DAVIS, ANDREW JACKSON – *Nature Divine Revelations – A Voice to Mankind*, Colby & Rich, sem data, Londres
- PASTORINO, CARLOS T. – *Sabedoria do Evangelho*, Sabedoria, Rio de Janeiro
- MIRANDA, HERMÍNIO C. – *Cristianismo, a Mensagem Esquecida*, Ed. O Clarim, Matão, SP

- KELLER, HELEN – *My Religion*, Avon Books, 1960, New York
- EMMANUEL / FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER – *A Caminho da Luz*, FEB, Rio de Janeiro
- MYERS, STELLA – *Herin Know Thyself*, Rydal Press, s/data, Keighley, Inglaterra

– FIM –

Notas:

¹ Will Durant – *Rousseau and Revolution*, Simon & Schuster, 1967, New York.

² Colin Wilson – *The Occult*, Mayflower Books, 1976, Frogmore, Inglaterra.

³ Henry de Geymuller – *Swedenborg et les phénomènes psychiques*, Ernest Leroux, 1921, Paris.

⁴ Emanuel Swedenborg – *A Verdadeira Religião Cristã*, Freitas Bastos, 1964, Rio de Janeiro (Trad. francês/português de J. M. Lima).

⁵ Frank Podmore – *Mediums of the 19th Century*, University Books, 1963, New Hyde Park, New York.

⁶ Arthur Conan Doyle – *História do Espiritismo*, Trad. Júlio Abreu Filho, Pensamento, 1960, São Paulo.

⁷ Arthur Clapham – in *Encyclopaedia Britannica*, verbete *Swedenborg*.

⁸ Henry de Geymuller – *Swedenborg et les phénomènes psychiques*, Ernest Leroux, 1921, Paris.

⁹ Hermínio C. Miranda – *A Diversidade dos Carismas – Teoria e Prática da Mediunidade*.

-
- ¹⁰ Waldo Vieira – *Projeciologia*, Edição do Autor, 1986, Rio de Janeiro.
- ¹¹ Hermínio C. Miranda – *A Diversidade dos Carismas – Teoria e Prática da Mediunidade*.
- ¹² *Revista Espírita* – Trad. Júlio Abreu Filho, Edicel, São Paulo, Ano II, Novembro de 1859, nº 11, pág. 332-339.
- ¹³ Andrew Jackson Davis – *Nature Divine Revelations – A Voice do Mankind*, Colby & Rich, sem data, Londres.
- ¹⁴ Carlos T. Pastorino – *Sabedoria do Evangelho*, Sabedoria, Rio de Janeiro.
- ¹⁵ Hermínio C. Miranda – *Cristianismo, a Mensagem Esquecida*, Ed. O Clarim, Matão, SP
- ¹⁶ Will Durant – *Rousseau and Revolution*, Simon & Schuster, 1967, New York.
- ¹⁷ Helen Keller – *My Religion*, Avon Books, 1960, New York.
- ¹⁸ Emmanuel / Francisco Cândido Xavier – *A Caminho da Luz*, FEB, Rio de Janeiro.
- ¹⁹ Stella Myers – *Herin Know Thyself*, Rydal Press, s/data, Keighley, Inglaterra.